

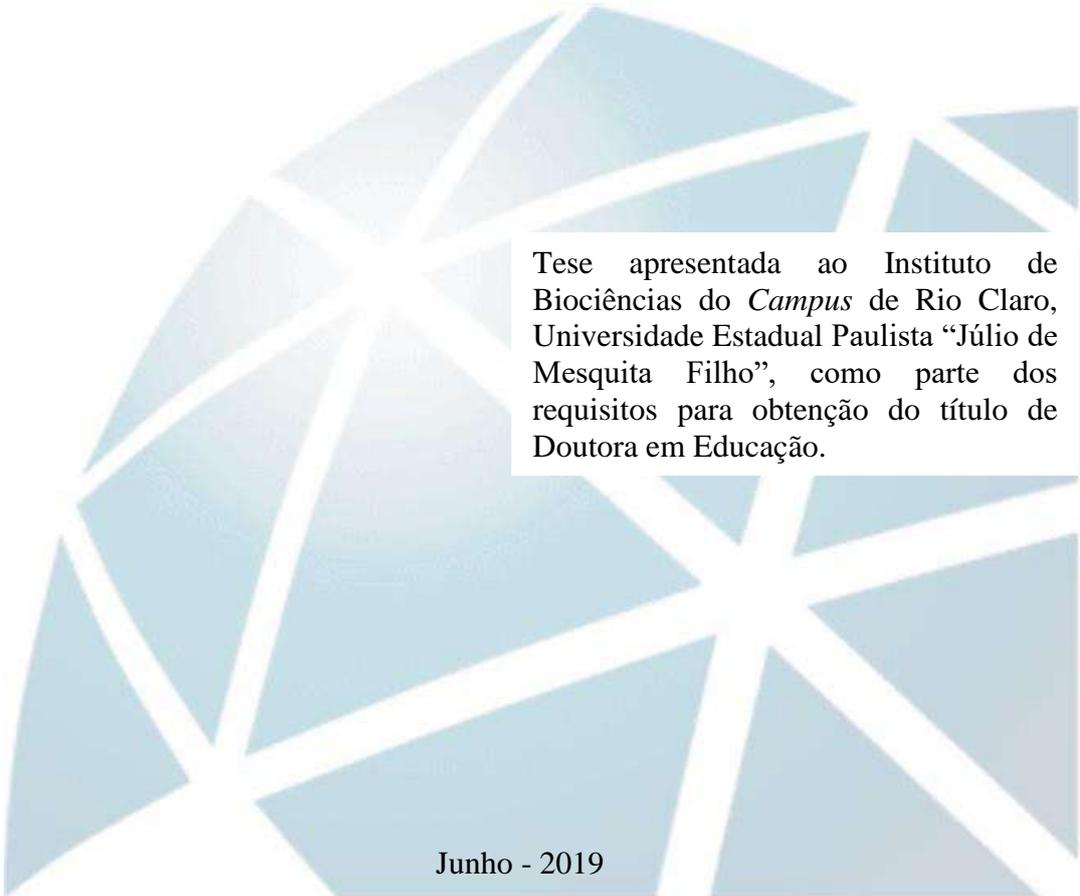
RESSALVA

Atendendo solicitação da autora, o texto completo desta tese será disponibilizado somente a partir de 27/06/2021.

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

**A PROPOSTA NOS MÓDULOS DO PROJETO
LOGOS II E A PRÁTICA DOCENTE DO
PROFESSOR-CURSISTA EM RONDÔNIA**

CRISTIANE TALITA GROMANN DE GOUVEIA

A large, abstract graphic in the background of the lower half of the page, consisting of overlapping light blue and white geometric shapes, primarily triangles and quadrilaterals, creating a complex, crystalline pattern.

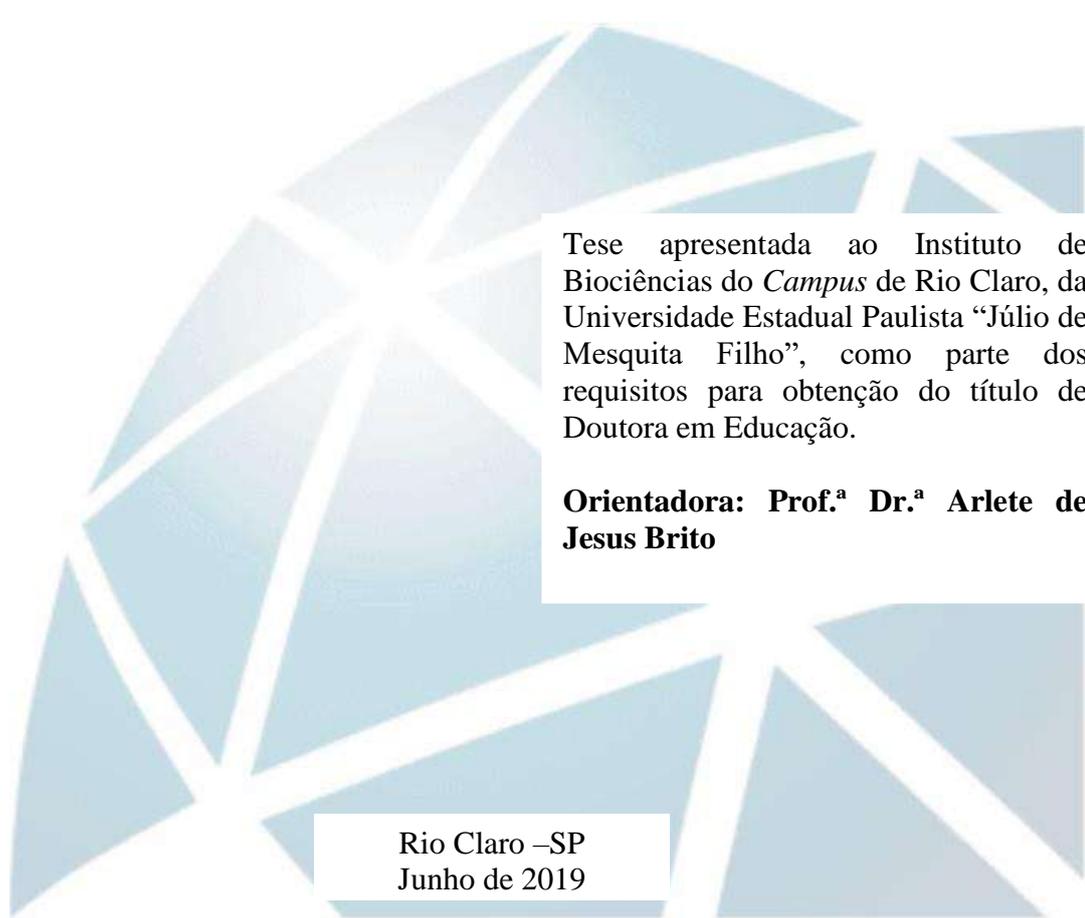
Tese apresentada ao Instituto de Biociências do *Campus* de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.

Junho - 2019

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

CRISTIANE TALITA GROMANN DE GOUVEIA

**A PROPOSTA NOS MÓDULOS DO PROJETO
LOGOS II E A PRÁTICA DOCENTE DO
PROFESSOR-CURSISTA EM RONDÔNIA**



Tese apresentada ao Instituto de Biociências do *Campus* de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Arlete de Jesus Brito

Rio Claro –SP
Junho de 2019

G719p Gouveia, Cristiane Talita Gromann de
A proposta nos módulos do Projeto Logos II e a prática docente do professor-cursista em Rondônia / Cristiane Talita Gromann de Gouveia. -- Rio Claro, 2019
465 f. : il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Arlete de Jesus Brito

1. Educação. 2. Professores-formação. 3. Ensino. 4. Ensino por módulos. 5. Microensino. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: **A proposta nos Módulos do Projeto Logos II e a Prática Docente do Professor-cursista em Rondônia**

AUTORA: CRISTIANE TALITA GROMANN DE GOUVEIA

ORIENTADORA: ARLETE DE JESUS BRITO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:



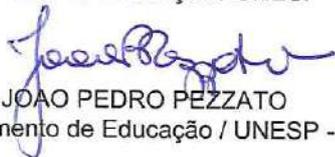
Profa. Dra. ARLETE DE JESUS BRITO

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



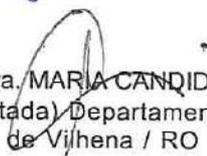
Profa. Dra. ANDREIA OSTI

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Prof. Dr. JOAO PEDRO PEZZATO

Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Profa. Dra. MARIA CANDIDA MÜLLER

(Aposentada) Departamento Acadêmico de Ciências da Educação / Universidade Federal de Rondônia - Campus de Vilhena / RO

Profa. Dra. VIRGÍNIA CARDIA CARDOSO

Centro de Matemática, Computação e Cognição / Universidade Federal do ABC - Campus Santos André / SP

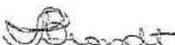
Rio Claro, 27 de junho de 2019

A T E S T A D O

Atestamos que a Profa. Dra. **VIRGÍNIA CARDIA CARDOSO**, do(a) Centro de Matemática, Computação e Cognição / Universidade Federal do ABC - Campus Santos André / SP, participou em 27 de junho de 2019, como MEMBRO TITULAR da Comissão Examinadora da DEFESA DE TESE de CRISTIANE TALITA GROMANN DE GOUVEIA, discente regular do Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Doutorado, cujo trabalho se denomina **A proposta nos Módulos do Projeto Logos II e a Prática Docente do Professor-cursista em Rondônia**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1. Profa. Dra. ARLETE DE JESUS BRITO - Orientadora
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP
2. Profa. Dra. ANDREIA OSTI
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP
3. Prof. Dr. JOAO PEDRO PEZZATO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP
4. Profa. Dra. MARIA CANDIDA MÜLLER
(Aposentada) Departamento Acadêmico de Ciências da Educação / Universidade Federal de Rondônia - Campus de Vilhena / RO
5. Profa. Dra. VIRGÍNIA CARDIA CARDOSO
Centro de Matemática, Computação e Cognição / Universidade Federal do ABC - Campus Santos André / SP

Rio Claro, 27 de junho de 2019.


IVANA TEREZINHA BRANDT
Supervisor Técnico de Seção - STPG/IB

DEDICATÓRIA

*À minha filha Laura,
resposta dos céus às minhas preces...
A você, dedico cada segundo da minha vida,
vou te amar enquanto viver.*

AGRADECIMENTOS

Todos sabem que o processo de pesquisa em um doutorado não é fácil. A percurso é íngreme, e exige uma dedicação de 24 horas, 365 dias no ano, durante quatro anos. Mesmo quando não estamos coletando dados, debruçados sobre livros e fontes, ou redigindo o texto, é na pesquisa que se encontra os nossos pensamentos. Essa caminhada exaustiva tem seus pontos positivos que é o crescimento profissional e uma profunda transformação pessoal, alterando sua forma ver e estar no mundo. Mas também acarreta em elevado esforço físico, psicológico e emocional. Por isso, eu não teria vencido essa etapa, se não contasse com apoio de pessoas, tanto à nível pessoal como intelectual, às quais expresso minha eterna gratidão:

À Prof. Arlete de Jesus Brito, a qual gosto de chamar de minha “mãe intelectual” mesmo ela sendo tão jovem, por puxar minha orelha quando necessário, me defender como uma leoa quando o momento assim o exigia, e também por me apoiar e amparar nos momentos difíceis. A ela devo tudo que sei sobre a pesquisa em história da educação, já estamos juntas desde a pesquisa do mestrado. Obrigada por compartilhar o seu enorme conhecimento comigo e por abrir as portas do seu coração permitindo que nossa amizade extrapolasse os limites da academia.

À minha mãe Cirlei Gromann e ao meu esposo Sérgio Cândido de Gouveia Neto, que entenderam as minhas ausências e presentearam-me com apoio, amor, paciência, confiança e dedicação. Foi esse carinho que tornou essa pesquisa possível.

À comissão examinadora, Prof. Virginia (UFABC), Prof.^a Maria Cândida (UNIR), Prof.^a Andreia (UNESP) e Prof. João Pedro (UNESP), pela leitura atenta e preciosas contribuições que fizeram que este estudo desse um salto em rigor e qualidade.

Às professoras suplentes, Prof. Samuel de Souza Neto (UNESP), Elmha Coelho (UNILA) e Liliane dos Santos Gutierre (UFRN) pela disponibilidade em participar da comissão examinadora. Ademais, agradeço a Prof.^a Liliane por vir contribuindo com o trabalho desde a pesquisa do mestrado e pela sua participação na banca examinadora de qualificação, compartilhado suas reflexões e inquietações, colaborando que essa pesquisa se tornasse o que é. E a Prof.^a Elmha pelos diálogos amigos e por me ouvir e aconselhar nos momentos de angústia. Com vocês duas estabeleci uma relação que ultrapassa as fronteiras da academia.

Aos que gosto de chamar de minha família construída em Rio Claro. Aos queridos Robinson, Micheli e Gabriel Rocha e a Deisy Munhoz, pelo voto de confiança ao abrirem as portas de suas casas para mim e minha família, deixando que entrássemos nas suas intimidades e desestabilizasse a rotina de seus lares e pela disponibilidade de ajudarem sempre que precisei. À família Marangoni (Pepê, Adriano, Letícia e Larissa) por me ampararem nos momentos que mais precisei, que estava mais sensível, recebendo a minha família como se fizessem parte da sua. Ao

Adriel Oliveira, pela amizade sincera, por estar sempre presente, e por dar todo o suporte que precisei nessa caminhada (desde o mestrado) rumo ao doutorado.

Aos demais familiares e amigos, que direta ou indiretamente, deram suas contribuições para esta pesquisa, bem como, me apoiaram nos momentos difíceis

Aos professores e professoras da UNESP de Rio Claro pelos ensinamentos valiosos.

Aos colegas do doutorado pelas discussões durante as aulas.

Aos depoentes da pesquisa, que dedicaram um pouco do seu tempo para relatar informações indispensáveis para a realização dessa pesquisa, com os seus relatos eu me indignei, ri e chorei. Vocês me ensinaram muito sobre o comprometimento com a docência e com a dedicação à educação no estado de Rondônia. Suas experiências serão um guia na minha prática docente.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro (Processo 2016/0850-2).

A todos que me ajudaram, mas que por limitação da memória, não coloquei aqui.

RESUMO

Na década de 1970, foi implantado o Projeto Logos II em alguns estados do Brasil, com objetivo de formar professores não habilitados que estavam atuando em sala de aula nas quatro primeiras séries do 1º Grau. Em regime emergencial, esse programa habilitava em nível de segundo grau e magistério, trabalhava com o ensino a distância no sistema modular. Em Rondônia, estudos apontam que o Projeto foi desenvolvido de 1976 a 1994, mas, apesar de sua importância para a educação, uma vez que foi um dos primeiros no estado e representou uma possível via de entrada de propostas educacionais, não há pesquisas que tratem especificamente da formação dos cursistas do Logos II. Assim, a pesquisa aqui delineada, tem como objetivo elaborar uma interpretação histórica a partir dos materiais didáticos do Logos II, estabelecendo relações com os depoimentos dos professores rondonienses que abordam o cotidiano escolar da época em que cursaram o referido projeto (1976 a 1994). Como fontes, foram considerados os módulos, as legislações, as fichas de matrículas, os históricos escolares, os diplomas e outros documentos dos cursistas referentes ao Logos II, além disso, analisamos também as entrevistas que foram realizadas com professores-cursistas nas cidades de Ariquemes, Pimenta Bueno e Vilhena, amostras de locais onde o projeto funcionou. Como aportes teórico-metodológicos, têm-se, principalmente, o paradigma indiciário de Ginzburg (1989; 2002; 2008), o conceito de documento como citado por Le Goff (2003), a crítica ao documento de Bloch (2001), a triangulação de dados de Mathison (1988), no conceito de história cultural de Peter Burke (2005, 2012), a concepção de memória como tratado por Halbwachs (2003) e a definição de currículo de Goodson (2012). Constatamos como principais resultados que os módulos não tinham uma marca conceitual hegemônica, sendo compostos por uma fusão de diversas tendências teóricas que foram muitas vezes motivadas por concepções estrangeiras. Ademais, por mais que os módulos fossem elaborados por autores distintos esses materiais didáticos assumiam o mesmo estilo conceitual, marcados por um ecletismo conceitual que estava em de acordo com as concepções de educação da época. Devido aos módulos serem para formação de professores, tais aglomerados de teorias e concepções influenciaram de alguma forma no discurso sobre a prática docente desses professores-cursistas. Ainda de acordo com os discursos desses docentes, como inicialmente eles não tinham a preparação/certificação formal para lecionar, as suas práticas docentes também foram influenciadas pelo comportamento de seus antigos professores, pelo conhecimento adquirido no cotidiano da escola e da comunidade e demais saberes que não pertencem ao âmbito escolar.

Palavras Chaves: Professores leigos. História da Educação. Material didático.

ABSTRACT

In the 1970s, the Logos II Project was implemented in some states of Brazil, aiming to train unqualified teachers who were working in the classroom in the first four grades of the first et school. In an situation, this program enabled at the second level and teaching, it mas developed with distance learning in modular system. In Rondônia, studies indicate that the Project was developed from 1976 to 1994, but despite its importance for education, since it was one of the first in the state and represented a possible way of disseminate educational proposals, there is no research about specifically training of the students of Logos II. The purpose of this research is to elaborate a historical interpretation based on the Logos II didactic material, establishing relations with the testimonies of the Rondonians teachers who approach the school daily life of the period in which they studied the project (1976 to 1994). As sources, we considered the modules, legislation, enrollment forms, school records, diplomas and other documents of the trainees referring to Logos II, in addition, we also analyzed the interviews that were carried out with teachers-students in the cities of Ariquemes , Pimenta Bueno and Vilhena, samples of places where the project worked. As a theoretical-methodological contribution, the Ginzburg (1989, 2002; 2008) paradigm, the concept of a document as quoted by Le Goff (2003), the critique of Bloch's paper (2001), the triangulation of data of Mathison (1988), Peter Burke's concept of cultural history (2005, 2012), the conception of memory as dealt with by Halbwachs (2003) and Goodson's definition of curriculum (2012). We found as main results that the modules did not have a hegemonic conceptual mark, being composed by a fusion of diverse theoretical tendencies that were often motivated by foreign conceptions. In addition, however much the modules were produced by different authors, these didactic materials assumed the same conceptual style, marked by a conceptual eclecticism that was in accordance with the conceptions of education of the time. Due to the modules being for teacher training, such clusters of theories and conceptions influenced in some way the discourse about the teaching practice of these teachers-cursistas. Still, according to the discourses of these teachers, as they initially did not have the formal preparation / certification to teach, their teaching practices were also influenced by the behavior of their former teachers, by the knowledge acquired in the daily life of the school and the community and other knowledge that do not belong to the school.

Key Words: Lay teachers. History of Education. Courseware.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Arlete, “Gabo”, Elmha e Cristiane Talita (Da direita para esquerda), no Restaurante e Bar “ <i>La cueva</i> ”.....	23
Figura 2 - Documentos que foram encontrados no decorrer do mestrado.....	24
Figura 3 - Reportagem no Jornal on-line Rondônia em Pauta, publicada em 07-10-2015.	28
Figura 4 - Relação de Módulos do Projeto Logos II	31
Figura 5 - Reorganização do currículo do Logos II para fins de análise – Modelo 1	32
Figura 6 - Trecho da BR-364 em 2017.....	47
Figura 7 - Roteiro de pesquisa de Campo: percurso em Rondônia	52
Figura 8 - Ficha de Matrícula do Prof. Osmino Schmidt no Projeto Logos II	55
Figura 9 - BR 364 na década de 1970 (Fluxo migratório).	59
Figura 10 - Falta de Infraestrutura em Rondônia. Notícia da Revista Veja em 1977.	62
Figura 11 - As riquezas da nova fronteira.	63
Figura 12 - Reportagem do Jornal Alto do Madeira sobre a implantação do Projeto Logos II.....	69
Figura 13 - Recortes de alguns Histórico escolares dos professores-cursistas.....	84
Figura 14 - Estrutura Curricular do Projeto Logos II	102
Figura 15 - Currículo Pleno para os currículos de 1º e 2º graus conforme a LDB 5.692/71..	104
Figura 16 - Comparativo entre as estruturas curriculares apresentadas respectivamente no Projeto-Piloto do Logos II e no registro do CETEB	109
Figura 17 - Esquema de funcionamento do currículo para a seleção dos conteúdos das disciplinas.	121
Figura 18 - Ficha de Inscrição de uma professora-cursista do Logos II.....	123
Figura 19 - Diferença entre as edições do 1º módulo de Didática da Matemática do Logos II	128
Figura 20 - Sistema Operacional do Logos II.....	128
Figura 21 - Reorganização da grade curricular do Logos II para fins de análise – Modelo 2.....	133
Figura 22 - Roteiro do 1º módulo de Didática da Educação Artística do Logos II.....	135
Figura 23 - Pós-avaliação: Didática das Ciências Físicas e Biológicas - Módulo 8	142
Figura 24 - Leituras de Gravuras no módulo de Técnicas de Estudos	151
Figura 25 - Situação da estrada no tempo do Logos II (BR 364).....	155
Figura 26 - Atividades relacionadas ao módulo 1 de Língua Portuguesa do Logos II.....	166
Figura 27 - Método e processos de alfabetização presentes nos módulos de Didática da Linguagem do Logos II	182
Figura 28 - Atividades de educação artística para o cursista do Logos II.....	201
Figura 29 - Divisão Nacional do Brasil no mapa do módulo de Geografia do Logos II.....	230
Figura 30 - Mapa da Região Norte no módulo de geografia do Logos II	230
Figura 31 - Resumo dos motivos que levaram ao Golpe de 1964 na versão contada nos módulos de História do Logos II.....	234
Figura 32 - Ensino Posturais nos módulos de Educação Física do Logos II.....	279
Figura 33 - Exercícios de matemática no Módulo do Logos II.....	299
Figura 34 - Operação entre conjuntos - Conteúdo do módulo de Matemática do Logos II... ..	302
Figura 35 - Modelo de teste diagnóstico contido no módulo 01 de Didática da Matemática do Logos II	306
Figura 36 - Atividade de Matemática utilizando material concreto (Tampinhas).....	331
Figura 37 - Atividades sugeridas nos módulos de Didática da Matemática (Cartões relâmpagos e Dominó Matemático).....	332
Figura 38 - Sugestão de Cartaz para fixar o conceito de subtração.....	333

Figura 39 - Flanelógrafo, flangravuras e quadro-de-pregas/quadro-valor-de-lugar construídos pela pesquisadora seguindo as instruções do módulo 02 de TPMD do Logos II.....	333
Figura 40 - Atividade com o quadro-de-pregas no módulo 1 de Didática da Matemática.....	335
Figura 41 - Atividade de adição utilizando o quadro-de-pregas.	336
Figura 42 - Experimentos Científicos sugeridos pelos módulos de Ciências Físicas e Biológicas	340
Figura 43 - Perguntas relacionadas aos experimentos sugeridos nos módulos de Ciências Físicas e Biológicas	341
Figura 44. Experimento Científico utilizando tubos de ensaio sugerido pelo módulo 6 de Ciências Físicas e Biológicas	341
Figura 45 - Atividade de Instrução programada nos módulos de Ciências Físicas e Biológicas	344
Figura 46 - O ensino de Física nos módulos de Ciências Físicas e Biológicas.....	345
Figura 47 - O método de respiração artificial ensinado nos módulos de Ciências Físicas e Biológicas	346
Figura 48 - Conteúdos presente nos módulos de Programa de Saúde do Projeto Logos II ...	351

LISTA DE SIGLAS

AVEC	FACULDADE ASSOCIAÇÃO VILHENENSE DE EDUCAÇÃO E CULTURA
BR	BRASIL RODOVIA
CADES	CAMPANHA DE APERFEIÇOAMENTO E DIFUSÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO
CAPEB	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
CASEB	COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO SISTEMA DE ENSINO DE BRASÍLIA
CEE	CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
CEE/RO	CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RONDONIA
CEEJA	CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
CETEB	CENTRO DE ENSINO TECNOLÓGICO DE BRASÍLIA
CFE	CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
CNMC	COMISSÃO NACIONAL DE MORAL E CIVISMO
CNME	CAMPANHA NACIONAL DE MATERIAL DE ENSINO
DESU	DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ENSINO SUPLETIVO
DESU/SEDUC	DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ENSINO SUPLETIVO DA SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
DSU	DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPLETIVO
DSU/MEC	DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPLETIVO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
EEEF	ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
EEEFN	ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO
EMC	EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA
EMEIEF	ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL
ENAPHEM	ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
EPB	ESTUDOS DOS PROBLEMAS BRASILEIROS
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
FAPESP	FUNDAÇÃO DE AMPARO A PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO
FE	FORMAÇÃO ESPECIAL
FENAME	FUNDAÇÃO NACIONAL DE MATERIAL ESCOLAR
FG	FORMAÇÃO GERAL
FNDE	FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
FUBRAE	FUNDAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO
GEEM	GRUPO DE ESTUDOS DO ENSINO DA MATEMÁTICA

IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
INCRA	INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA
IFRO	INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA
INEP	INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
NP	NÚCLEO PEDAGÓGICO
OEA	ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS AMERICANOS
OSD	ORIENTADOR (A) E SUPERVISOR (A) DOCENTE
OSPB	ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLITICA DO BRASIL
MMM	MOVIMENTO DA MATEMÁTICA MODERNA
PABAE	PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA BRASILEIRA AMERICANA AO ENSINO ELEMENTAR
PIN	PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO NACIONAL
PROCARTA	PROGRAMA DA CARTA ESCOLAR
PROHACAP	PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEIGOS
PUC	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
RELME	REUNIÓN LATINO AMERICANA DE MATEMÁTICA EDUCATIVA
SEDUC	SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
SEDUC/RO	SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE RONDÔNIA
SEMAT	SEMANA DE MATEMÁTICA
SEMEC	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SEMIEDU	SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO
SEPS	SECRETARIA DE ENSINO DE 1º E 2º GRAU
SESU	SUBSECRETARIAS DE ENSINO SUPLETIVO
SMSG	SCHOLL MATHEMATICS STUDY
UFMG	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
UNB	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
UNESP	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
UNIR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
UNISINOS	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
USAID	UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT
USP	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SUMÁRIO

1. DE VOLTA À ESTAÇÃO: A VIAGEM PROSSEGUE	14
2. VIAGEM: DIÁRIO DE BORDO	22
3. A EDUCAÇÃO EM RONDÔNIA E O PROJETO LOGOS II.....	59
4. O PROJETO LOGOS II: LEIS, CURRÍCULO E OUTRAS PROVIDÊNCIAS.....	97
5. O LOGOS II: GANHA A GUERRA QUEM VAI AO CAMPO DE BATALHA	133
5.1 A Série introdutória e as possibilidades de estudos do professor-cursista	145
5.1.1 <i>Preparação do cursista</i>	145
5.1.2 <i>Informações Pedagógicas</i>	146
5.1.3 <i>Técnicas de estudos</i>	150
5.2 Comunicação e Expressão e a dinâmica de sala de aula do professor-cursista	161
5.2.1 <i>Língua Portuguesa</i>	161
5.2.2 <i>Literatura Brasileira</i>	168
5.2.3 <i>Didática da Linguagem e Didática da Língua Portuguesa.....</i>	169
5.2.4 <i>Educação Artística</i>	199
5.2.5 <i>Didática da Educação Artística</i>	209
5.2.6 <i>Língua Estrangeira Moderna (Língua Inglesa)</i>	225
5.3 Estudos Sociais e a ordem estabelecida na sala de aula em Rondônia.....	227
5.3.1 <i>Geografia.....</i>	228
5.3.2 <i>História.....</i>	232
5.3.3 <i>Educação Moral e Cívica (EMC).....</i>	235
5.3.4 <i>Organização Social e Política do Brasil (OSPB).....</i>	245
5.3.5 <i>Didática dos Estudos Sociais</i>	249
5.4. Formação Integral: Educação Física, Didática da Educação Física e Recreação e Jogos	274
5.4.1 <i>Educação Física</i>	275
5.4.2 <i>Didática da Educação Física</i>	280
5.4.3 <i>Recreação e Jogos</i>	287
5.5 Ciências e a prática docente do professor-cursista	294
5.5.1 <i>Matemática</i>	295
5.5.2 <i>Didática da Matemática</i>	303
5.5.3 <i>Ciências Físicas e Biológicas (FG - Série 06) – 13 módulos.....</i>	339
5.5.4 <i>Programas de saúde (FG - Série 12) – 6 módulos</i>	350
5.5.5 <i>Didática das Ciências Físicas e Biológicas (FE - Série 23) – 8 módulos</i>	363
6. NOVAMENTE NA ESTAÇÃO: ENTRE CHEGADAS E PARTIDAS.....	403
FONTES PRIMÁRIAS	408
REFERÊNCIAS	415
APÊNDICES	430
APÊNDICES – MODELOS DE FICHAS PARA AS ENTREVISTA.....	430
APÊNDICES A – Modelo de Termo de Consentimento – 1ª Entrevista	430

APÊNDICES B – Modelo de Ficha do Entrevistado	431
APÊNDICES C – Roteiro de Entrevista para o Professor(a)-cursista – 1ª Entrevista	432
APÊNDICES D – Modelo de Termo de Consentimento – Entrevista complementar	436
APÊNDICES E – Roteiro de Entrevista para o Professor(a)-cursista – Entrevista Complementar	437
APÊNDICES – FONTES PRIMÁRIAS (MÓDULOS DO LOGOS II)	442
APÊNDICE 1 – Série Introdutória	442
1.1 Série 00 – Preparação do cursista	442
1.2 Série 01 – Informações Pedagógicas	442
1.3 Série 02 – Técnicas de Estudos	443
APÊNDICE 2 – Comunicação e Expressão	444
2.1 Série 03 - Formação Geral – Língua Portuguesa.....	444
2.2 Série 08 - Formação Geral – Literatura Brasileira.....	446
2.3 Série 20 - Formação Especial – Didática da Linguagem	447
2.4 Série 20.1 - Formação Especial – Didática de Português.....	448
2.5 Série 10 - Formação Geral – Educação Artística.....	448
2.6 Série 27 - Formação Especial – Didática da Educação Artística	450
2.7 Série 30 - Formação Geral – Língua Estrangeira Moderna - Inglês	451
APÊNDICE 3 – Estudos Sociais	452
3.1 Série 11 - Formação Geral – Geografia	452
3.2 Série 09 - Formação Geral – História	452
3.3 Série 06 - Formação Geral – Educação Moral e Cívica	454
3.4 Série 04 - Formação Geral – OSPB (Organização Social e Política do Brasil).....	454
3.5 Série 22 - Formação Especial – Didática dos Estudos Sociais	455
APÊNDICE 4 – Formação Integral	457
4.1 Série 29 - Formação Geral – Educação Física.....	457
4.2 Série 25 - Formação Especial – Didática da Educação Física	457
4.3 Série 28 - Formação Especial – Recreação e Jogos.....	457
APÊNDICE 5 – Ciências	459
5.1 Série 07 - Formação Geral – Matemática.....	459
5.2 Série 21 - Formação Especial – Didática da Matemática	461
5.3 Série 06 - Formação Geral – Ciências Físicas e Biológicas	462
5.4 Série 12 - Formação Geral – Programa de Saúde.....	463
5.5 Série 23 - Formação Especial – Didática das Ciências Físicas e Biológicas	464

1. De volta à estação: a viagem prossegue

*[...] cada nação tem os seus costumes diferentes
daqueles dos povos vizinhos,
cada povo muda com frequência
os seus próprios costumes
(PALMADE apud LE GOFF, 2003, p. 122)*

Estamos mais uma vez de partida para outra viagem em direção ao Projeto Logos II em Rondônia. Consideramos que viajar é recomeçar, pois se por um lado é conhecer novos territórios e estar aberto ao inesperado, por outro lado, também é ver o já visto de outra maneira. Nas palavras de José Saramago (2011, p.387):

A viagem não acaba nunca Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o viajante se sentou na areia da praia e disse: “Não há mais que ver”, sabia que não era assim. O fim duma viagem é apenas o começo doutra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na Primavera o que se vira no Verão, ver de dia o que se viu de noite, com Sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir. E para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.

Quando finalizamos a nossa dissertação de mestrado, já prevíamos que faríamos essa viagem¹, isso, porque essa tese de doutorado é uma continuidade da nossa pesquisa de mestrado² (GROMANN DE GOUVEIA, 2016a). Recordando, a nossa dissertação versou sobre a implantação do Projeto-Piloto e as mudanças na organização política-pedagógica do Projeto Logos II no Estado de Rondônia, entre os anos de 1975³ e 1994 (GROMANN DE GOUVEIA, 2016a). Nessa continuidade o estudo em tela tem como objetivo elaborar uma interpretação histórica a partir dos materiais didáticos do Logos II, estabelecendo relações com os depoimentos dos professores rondonienses que abordam o cotidiano escolar da época em que cursaram o referido projeto (1976 a 1994). Estamos entendendo o cotidiano escolar como tudo aquilo que circunda o dia-a-dia do docente, mas que não é necessariamente ordinário e nem está limitado ao território da escola (FERRAÇO, 2007). Portanto, em nossa pesquisa apresentaremos o cotidiano escolar dos professores enquanto cursistas que estudavam em casa via modular por meio do Logos II, bem como, suas atividades nos Núcleos Pedagógicos e

¹ Detalharei esse percurso no segundo capítulo.

² Pesquisa financiada pela FAPESP, Processo de Número 2014/01638-1.

³ As tratativas e a implantação do Projeto Logos II iniciaram-se no ano de 1975, entretanto, as aulas desse curso de habilitação começaram somente no ano de 1976 (GROMANN DE GOUVEIA, 2016a).

demais ambientes de estudos. Abordaremos também tudo que envolve a sua prática docente, incluindo as atividades que antecede e procede aos períodos conferidos à sala de aula.

Mas o que foi o Projeto Logos II? Foi um programa de educação a distância, criado em 1975 pelo Governo Federal por intermédio do Ministério da Educação e Cultura (MEC), e implantado no ano de 1976 (BRASIL, 1975; CETEB, 1984). Em seu bojo, tinha como objetivo habilitar em caráter emergencial os professores ainda não habilitados⁴, conhecidos na época como leigos. Ao concluir os estudos desse programa, o professor-cursista estava legalmente habilitado em nível de segundo grau para atuar de 1ª a 4ª série do primeiro grau. O projeto tinha como referência o modelo do Ensino Supletivo⁵, por isso, o encarregado por sua execução foi o Departamento de Ensino Supletivo (DSU)⁶, e o material didático, assim como outras atribuições, ficaram a cargo do Centro de Ensino Técnico de Brasília (CETEB)⁷.

No currículo do Logos II, a categoria voltada para a educação geral era fundamentada na legislação⁸ que regulava os conteúdos pertencentes ao ensino de 1º e 2º graus (CETEB, 1984). Na grade curricular apresentada no projeto-piloto do Logos II (BRASIL, 1975), aparecem 10 disciplinas na categoria geral, enquanto no currículo divulgado pela Equipe do CETEB, essa parte foi subdividida em 12 disciplinas⁹ e 106 módulos em que os assuntos eram organizados em ordem crescente de complexidade (CETEB, 1984). Já a categoria especial, tinha como eixo norteador a parte pedagógica direcionada para o magistério que era desenvolvida nas Escolas Normais. Tanto no projeto-piloto como no currículo apresentado pela Equipe do CETEB, essa parte foi dividida em 18 disciplinas, porém, com algumas variações entre os currículos¹⁰. Essa seção era estudada em 99 módulos, classificados, segundo os

⁴ Era considerado como não-habilitado o docente que não tinha a titulação condizente com as exigências mínimas da LDB 5.694 de 1971. Para lecionar nos quatro primeiros anos do 1º Grau era necessário que o professor tivesse o Magistério ao nível de 2º grau, ou em caráter suplementar e a título precário era autorizado pela mesma legislação o exercício de professores sem a formação mínima desde que tivessem sendo habilitados em cursos intensivos (BRASIL, 1971; GROMANN DE GOUVEIA, 2016a).

⁵ Ensino a Distância, organizado por sistema modular.

⁶ O DSU foi extinto em 1976 e suas responsabilidades foram repassadas para as Subsecretárias de Ensino Supletivo (SESU). Já a SESU encerrou suas atividades em 1986, e seus encargos foram transferidos para as Secretarias de Ensino Básico e de 2º grau (ANDRADE, 1995).

⁷ O CETEB foi fundado em 1968 e ainda continua atuando (2018). A instituição “desenvolve e implementa programas educacionais, forma e capacita pessoas, presta assessoria a instituições públicas e privada, elabora publicações técnicas e materiais didáticos para cursos presenciais e a distância, no Brasil, na América Latina, na África e no Japão”. (Disponível em: <https://ceteb.com.br/o-ceteb/>. Acesso em: 16 de Janeiro de 2018).

⁸ As leis que amparavam a estrutura curricular do Logos II eram a LDB 5.694 de 1971 e o Parecer do CFE (Conselho Federal de Educação) 853/71.

⁹ A diferença era devida às disciplinas de “Informações Pedagógicas”, “Técnicas de Estudos” e “Educação Artística” que constavam na parte geral do currículo apresentado pelo CETEB, enquanto que essas mesmas áreas de estudos estavam inclusas na parte específica no projeto-piloto do Logos II. Além disso, o CETEB apresentou a disciplina de Língua Estrangeira Moderna na parte geral, que não integrava o currículo do projeto-piloto.

¹⁰ Esses pontos em relação as grades curriculares do Logos II, veremos mais detalhadamente no capítulo quatro.

organizadores, dos mais simples para os mais complexos (CETEB, 1984). A Equipe do CETEB (1984) alegou que no total foram elaborados 208 módulos e uma coleção introdutória intitulada “preparação do cursista”. Seria nesta série que constariam as informações básicas sobre o projeto, tais como sua operacionalização, os direitos e deveres do professor-cursista (CETEB, 1984). No entanto, em relação ao número total de módulos, constatamos algumas divergências no próprio material do CETEB e, além disso, na busca pelos módulos do Logos II, encontramos 8 módulos da disciplina Didática de Português. Tal disciplina, não constava em nenhuma das duas grades curriculares, seja a apresentada pelo CETEB (1984) ou a publicada no projeto-piloto (BRASIL, 1975).

Para coordenar um currículo de acordo com a legislação, a Equipe do CETEB (1984) declarou que passou por algumas dificuldades. Uma delas era que determinadas disciplinas e diversos conteúdos poderiam ser extintos¹¹, pois eram considerados por essa empresa (CETEB) e por alguns cursistas do Logos II, como sendo irrelevantes para a realidade de trabalho desses docentes. Para os coordenadores do CETEB, uma negociação e simplificação no currículo tornaria o programa mais interessante e eficiente (CETEB, 1984).

O conteúdo curricular era estudado por meio dos módulos. Na preparação desse material, a Equipe do CETEB (1984, p.41) afirmou que o grupo responsável pela elaboração iniciou praticamente da “estaca zero” para confeccionar um material que possibilitasse ao cursista uma aprendizagem individualizada, que conciliasse e integrasse os objetivos de ensino, os conteúdos programáticos e as atividades avaliativas que determinavam o grau de conhecimento dos conteúdos pretendidos (CETEB, 1984). Esses elaboradores tiveram ainda que ter uma atenção especial em relação a apresentar os conteúdos em uma linguagem adequada ao cursista para que os módulos servissem imediatamente no seu exercício em sala de aula. Para tanto, pelo menos em tese, esse material deveria considerar a complexidade da prática do professor, principalmente aquele que atuava no meio rural¹², sem deixar de atender às disposições legais sobre os conteúdos do currículo oficial (CETEB, 1984).

Mas além da legislação, quem definia a organização dos conteúdos nos módulos do Logos II? De acordo com o discurso presente no Projeto-piloto (BRASIL, 1975), a confecção dos módulos era de responsabilidade da Equipe Técnica Central do programa, formada por curriculistas, peritos em tecnologia educacional e educação a distância, especialistas de área

¹¹ Por exemplo, uma das disciplinas que a equipe do CETEB afirmou que estava no currículo somente para cumprir a legislação, era a Língua Inglesa (CETEB, 1984).

¹² Por mais que o Logos II não fosse direcionado exclusivamente para a zona rural, era ali que se localizava a maioria dos professores-cursistas (CETEB, 1984; GROMANN DE GOUVEIA, 2016a).

para mais de 28 disciplinas — eram eles que determinavam os conteúdos das diferentes áreas —, gerentes encarregados de implementar os conteúdos nos módulos, avaliadores que testavam a utilização do material nos locais que estavam sendo usados e faziam observações sobre as dificuldades que ocorriam (CETEB, 1984).

Na contracapa dos módulos, aparecem alguns nomes, que pressupomos ser do especialista de área, responsável por aquele respectivo fascículo. Por exemplo, na 3ª edição do módulo 4 de Educação Artística, consta o nome da Maria de Louder Mäder Pereira e Equipe Técnica do CETEB. A Prof.^a Maria de Lourdes, era formada em didática pela Faculdade Nacional de Filosofia e em artes pela Escola de Belas Artes (CÂMARA, 2009), portanto, deduzimos que seja ela a responsável por selecionar os assuntos abordados nesse material, já que em nossa dissertação de mestrado, entrevistamos a Prof.^a Pessina, funcionária do CETEB no tempo do Logos II e de acordo com essa depoente, o autor de um material de educação a distância, como os módulos do Logos II, na realidade não era o professor (especialista de área). A Prof.^a Pessina explicitou que o docente de uma determinada disciplina era quem distribuía o conteúdo, dizia o que era importante trabalhar e depois era chamado para avaliar se o conteúdo proposto foi respeitado. Porém 80% do material era feito pela Equipe Técnica do CETEB. No caso do Logos II, essa equipe era composta por cerca de cinco ou seis pessoas do MEC e umas dez do CETEB¹³ e eram eles que realmente faziam a parte pedagógica (estabeleciam objetivos, questionamentos, elaboravam as questões, as avaliações, etc.) e ilustração (GROMANN DE GOUVEIA, 2016a).

O material do Logos II pertencia a um programa específico de formação em serviço, e era natural que no bojo de sua proposta existisse a intenção de uma integração maior entre a prática cotidiana do professor e a sua formação docente. No entanto, a Equipe do CETEB (1984) relatou que essa integração à realidade do professor foi bastante prejudicada, principalmente para o docente da zona rural, pois o programa não conseguiu ajustar plenamente esse cursista à comunidade e à sala de aula, mesmo sabendo da importância do envolvimento desses dois âmbitos na aprendizagem do professor no curso (CETEB, 1984). Como o universo da maioria dos professores-cursistas era o rural, esperar-se-ia que o processo pedagógico de ensino partisse da realidade desses professores-cursistas, porém mais uma vez a Equipe do CETEB (1984) declarou que havia uma barreira para alcançar essa premissa: o pouco conhecimento do cotidiano da vida rural por parte de sua equipe.

¹³A quantidade de funcionários foi informada pela professora Pessina que cedeu uma entrevista para a dissertação de mestrado de Gromann de Gouveia (2016a).

Portanto, percebemos que no geral, uma das principais dificuldades no desenvolvimento do programa era adequar o material didático à realidade do professor-cursista. Entretanto, em nossa dissertação de mestrado, quando questionamos os depoentes, sobre a utilização desse material em suas práticas em sala de aula, ou seja, na sua realidade docente, eles alegaram que os módulos eram muito úteis para o seu exercício docente. Relataram ainda que os módulos eram, senão a única, uma das principais fontes que os cursistas tinham para estudar (GROMANN DE GOUVEIA, 2016a).

No percurso da construção de nossa dissertação de mestrado, em uma breve análise que fizemos dos módulos de Didática da Matemática do Projeto Logos II, cujos resultados foram expostos no RELME (*Reunión Latinoamericana de Matemática Educativa*) (GROMANN DE GOUVEIA, 2014a) e no ENAPHEM (Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática) (GROMANN DE GOUVEIA, 2014b), observamos que os módulos eram constituídos por diversas correntes de pensamento¹⁴. Contudo, o objetivo da dissertação não contemplava saber quais eram as propostas teóricas e os conteúdos que permeavam todos os módulos de ensino. Mas essa questão nos inquietou. Ao fazermos o levantamento bibliográfico¹⁵ sobre os trabalhos que analisaram os módulos do Projeto (STAHL, 1981; GONDIN, 1982; COSTA, 2013; PEREIRA, 2015), percebemos que eles também não respondiam a essas questões, já que tinham outros objetivos. Além disso, ainda em nossa dissertação, abordamos pontos nas entrevistas com os professores-cursistas do Projeto Logos II em Rondônia sobre algumas propostas e conteúdos identificados na análise dos módulos de Didática da Matemática como, por exemplo, se os professores-cursistas estavam atentos e preocupados com a relação professor/aluno ou com os interesses, aspirações e sentimentos de seus alunos. Ao que, os depoentes informaram que não perceberam essas propostas nos materiais didáticos e que a prática de lecionar era de orientação tradicional. A Equipe do CETEB (1984) também se manifestou em relação às teorias indicadas nos módulos e as práticas concretizadas¹⁶ pelos professores, relatando que a solução para problemas dessa ordem era expresso no “*slogan*” que os próprios professores-cursistas criaram: “ganha a guerra quem vai ao campo de batalha” (CETEB, 1984, p.44).

¹⁴ A análise de tais módulos, apontou indícios das correntes de pensamentos de Carl Rogers, John Dewey, Jean Piaget, Maria Montessori, Ana Maria Poppovic, entre outras (GROMANN DE GOUVEIA, 2014a; 2014b).

¹⁵ O estado da arte sobre os trabalhos que abordam os módulos do Logos II, está disponível no capítulo 2 “A viagem: Diário de Bordo”.

¹⁶ Destacamos que a Equipe do CETEB acompanhava a prática dos professores-cursistas do Logos II por meio do microensino ou mediante aos relatórios enviados pelos OSD’s (CETEB, 1984).

Essas situações nos levaram a levantar os questionamentos que permeiam essa tese, sendo elas: quais foram as propostas teóricas e conceituais sugeridas nos módulos do Projeto Logos II? Como os professores em Rondônia – inicialmente leigos – recordam ter utilizado essas propostas em seu cotidiano escolar? Em função desses questionamentos, pensamos ser necessário um estudo que tratasse especificamente da formação destes professores, na época, não habilitados, uma vez que o Logos II foi um dos primeiros programas de formação de professores em Rondônia e uma das principais vias de entrada de teorias educacionais no estado.

Portanto, tendo em vista essas questões e o objetivo apresentado no início dessa introdução, propomos uma interpretação história em que consideraremos, com ênfase no estado de Rondônia, a estrutura organizacional do projeto, o delineamento da formação teórica, política e prática dada pelo Logos II ao professor-cursista, a complexidade do ensino a distância para a habilitação do docente, as especificidades culturais, sociais, políticas e econômicas dos sujeitos envolvidos. Isso, porque estamos entendendo o Logos II como uma prática social¹⁷, observando os seus variados elementos e tentando decifrar o estratagema estabelecido socialmente que se dispõem por meios das leis, deliberações e políticas sociais para ser exercício da prática educacional (ANDRADE, 1995). Mesmo considerando essa vertente social, ressaltamos que o foco da nossa análise estará nas concepções teóricas dos materiais didáticos, o que não impede que algumas vezes, a análise desses módulos nos leve a determinadas discussões sociais.

Esta pesquisa se insere no eixo da História da Educação, com destaque na formação de professores. Na historiografia, adotamos as perspectivas da História Cultural. Entendemos a cultura como “o todo complexo que inclui, conhecimento, crença, arte, moral, leis, costumes, e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR apud BURKE, 2005, p. 43), e nossa escolha por essa linha de pensamento, se deu, porque pretendemos abordar os aspectos citados por Tylor (apud BURKE, 2005) na formação dos professores leigos.

¹⁷ Estamos entendendo o conceito de prática social como as construções feitas pelos indivíduos em seus contextos de interações, ou seja, são resultados das ações dos sujeitos (intenções, valores, atitudes, crenças, etc.); das estruturas sociais; das relações sociais. Contudo, as práticas sociais, não são baseadas, unicamente na ação individual, elas também podem ser o resultado das ações coletivas dos sujeitos. Contextos diferentes podem significar momentos históricos diferenciados, intervindo no modo de agir dos indivíduos. Esses sujeitos agem na sociedade e procuram compreendê-las por meio de modelos, “de padrões recorrentes, de informações relevantes, de procedimentos de análise e escolhas, entre várias alternativas disponíveis, de ações a serem seguidas [...] que são estruturadas pelas práticas sociais em constante reformulação” (SOUZA; LUCAS; TORRES, 2011, p. 212).

Como fontes de pesquisa consideramos as legislações, os documentos escolares e os materiais educativos que se relacionam com o Logos II, bem como os depoimentos de alguns professores que cursaram do Projeto Logos II no estado de Rondônia. Nossos aportes teóricos e metodológicos, se pautam, principalmente, no paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1989; 2002; 2008), o conceito de documento como visto por Le Goff, (2003) na crítica ao documento de Marc Bloch (2001), na triangulação de dados de Mathison (1988), no conceito de história cultural de Peter Burke (2005, 2012), na concepção de memória como tratado por Maurice Halbwachs (2003) e na definição de currículo de Ivor Goodson (2012).

Assim, nesse capítulo introdutório, apresentamos brevemente o que foi o Projeto Logos II e como foi sua execução no estado de Rondônia. Nessa introdução, bem como nos capítulos três, quatro e cinco, preferimos empregar a primeira pessoa do plural, porque esses tópicos foram elaborados por meio dos diálogos estabelecidos entre a orientadora, a pesquisadora, os autores selecionados e os professores entrevistados.

No segundo capítulo, trazemos os caminhos teórico-metodológicos que percorremos — desde a nossa dissertação de mestrado — para construir essa interpretação histórica. É aqui que apresentaremos nossas escolhas historiográficas, o que consideramos ser o ofício do pesquisador em história, como tivemos acesso às fontes, os sucessos e reveses da pesquisa. É também nesta parte, que vou relatando como a pesquisa foi se constituindo e como que com ela, vou me formando em uma pesquisadora da história da educação. Por isso, optamos por utilizar, nos trechos mais pessoais desse relato, a primeira pessoa do singular, e em outros momentos, como nos outros capítulos, a primeira pessoa do plural.

No terceiro capítulo, apresentaremos o processo migratório para o Território Federal de Rondônia, bem como, os costumes dos sujeitos que vivem no meio rural e até mesmo a linguagem do homem do campo que era considerado um contratempo para a Equipe do CETEB. Ademais, apresentaremos nessa parte a forma de entrada dos professores-cursistas nas escolas rurais; o modo como eram organizadas as escolas no campo; e as dificuldades enfrentadas pelos docentes que atuavam nessas localidades no estado de Rondônia e como todos esses fatores se interligavam o projeto Logos II, que tinha em sua constituição o Estágio Supervisionado que acontecia por meio do microensino e dos Encontros Pedagógicos.

No capítulo quatro iniciaremos a nossa exposição das influências estrangeiras na educação brasileira e conseqüentemente no Logos II; o método educacional utilizado pelo programa pautado no ensino em massa motivado por modelos tecnicistas e alguns movimentos econômicos, políticos e sociais que fomentaram o discurso da educação como primordial na construção do Brasil. É nesse capítulo que discutiremos como a lei de diretrizes e bases de n.º

5.694/71 subjaz o currículo do Logos II, assim como trazemos a análise desse currículo, com todas as especificidades e interferência de terceiros como, por exemplo, as empresas privadas (terceiro setor).

As análises dos módulos do Logos II e a das práticas dos professores-cursistas são abordadas no capítulo cinco. No primeiro momento, trataremos dos módulos da série introdutória voltada para a preparação do cursista e no segundo momento, apresentaremos parte dos módulos divididos nas três áreas do conhecimento, estabelecidas pela lei 5.694/71: Comunicação e Expressão, Estudo Sociais e Ciências, e também a parte de materiais que denominamos de “Formação Integral”. Nessas áreas, serão distribuídos os módulos da parte de Educação Geral e as didáticas específicas relacionadas com essas áreas do conhecimento.

Toda a tese de doutoramento estará em constante diálogo com a prática de sala de aula do professor cursista do Logos II por isso, também abordaremos as teorias que os professores-cursistas aprendiam no Logos II e a sua prática de ensinar (teoria/prática), ou seja, sobre os métodos de ensino aprendidos e o modelo que o docente optava por utilizar; sobre as formas de controle na sala de aula desse docente e como ele fazia para contornar, “driblar” determinadas questões em sua forma de ensinar.

Encerraremos este trabalho com algumas considerações gerais que não tenho a pretensão de chamar de finais, mas que traz algumas reflexões e conclusões acerca do percurso dessa pesquisa.

Nesse trecho da viagem, queremos convidar você a uma excursão pela nossa tese de doutorado. Então, por favor, acomode-se, e nos acompanhe nesse passeio histórico...

6. Novamente na estação: Entre chegadas e partidas

O inacabado, embora tenda a ser perpetuamente superado, tem, para todo o espírito um pouco ardoroso, uma sedução que equivale à do mais perfeito triunfo.
(BLOCH, 2001, p.49)

Seguimos juntos no percurso até aqui e estamos chegando ao fim dessa viagem. Nela percorremos mais um caminho pelo Projeto Logos II no Estado de Rondônia. Por esse caminho nos deparamos com as dificuldades dos depoentes para cursar um projeto de formação de professores a distância e, ao mesmo tempo, lecionar embasados muitas vezes na experiência da época em que eram alunos no ensino presencial, já que todos os entrevistados nessa pesquisa relataram que para ministrar aulas como professores leigos tinham como influências a prática docente dos professores antigos, seja para reproduzi-las ou para repudiá-las como foi o caso do Prof. Rocha que não repetiu em suas aulas as agressões que recebeu quando era aluno. Todavia, todos os professores-cursistas entrevistados relataram que inicialmente tratavam o conhecimento da forma como aprenderam e na maioria das vezes, da maneira como vivenciaram as experiências escolares.

Ademais, sem o preparo formal para lecionar, esses professores-cursistas construíam o seu conhecimento no cotidiano da escola e da comunidade, uma vez que o saber-fazer provinha dos diversos âmbitos, e era mesclado com outros conhecimentos que não pertenciam ao domínio escolar, que como vimos no decorrer dessa tese, foram advindos dos movimentos sociais, religiosos e comunitários que influenciaram o cotidiano do professor, além da própria formação docente que recebeu sistematicamente. Outro fator, é que a prática docente desses professores-cursistas foi construída com os seus alunos, visto que a sua sala de aula era considerada um laboratório de aprendizagem, o que propiciava a esse professor leigo experimentar junto aos seus alunos os erros e os acertos, cuja natureza de julgamento é muito sutil, já que esse profissional, inicialmente, não contava com o preparo formal para o magistério e trabalhava com os recursos que lhe eram oferecidos. Um fio consistente conectou todas essas formas de conhecimento: todas provieram da experiência, sendo conhecimentos, em parte, conjecturais⁷⁶³, mas que eram requisitados pela necessidade do cotidiano da escola.

Para auxiliar nessa lida diária com o cotidiano escolar que era permeada por sucessos e reveses, os professores-cursistas consideraram que o Projeto Logos II atendia as necessidades da época, já que o professor seria capaz de lecionar e estudar, e o conteúdo aprendido poderia ser

⁷⁶³ Estamos entendendo o conhecimento conjectural como todos os saberes gerados na observação e experimentação repetidas como testes de nossas conjecturas e hipóteses. Muitos desses conhecimentos são embasados na dedução e indução (FONTONA, 2006). (Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/a-solucao-de-karl-popper-para-o-problema-da-inducao.pdf>> Acesso em 28 de março de 2019).

utilizado imediatamente nas suas aulas. Consideram também o projeto inovador para época e o material didático de qualidade. Assim, por mais que diversos estudos do Logos II apontam que o projeto não tinha um compromisso social por abordar assuntos relacionados aos problemas sociais e aos percalços da realidade desses docentes, o Projeto tinha uma preocupação com a qualidade da formação docente, mas a equipe era limitada pelas condições políticas, sociais, econômicas e culturais da época.

Justamente pelas dificuldades e sacrifícios que os professores-cursistas enfrentavam para terminar o curso, o momento da formatura era muito esperado e comemorado com uma grande festa que contava com a participação de toda a comunidade, já que tais docentes se consideram vitoriosos, em razão de muitos cursistas não conseguirem finalizar o programa. Além de tudo, o Projeto Logos II não foi apontado pelos depoentes somente como essencial para a sua prática docente imediata, mas também como uma oportunidade para uma formação continuada, pois, todos esses professores-cursistas cursaram o ensino superior e fizeram pós-graduação, o que lhes permitiu continuar atuando como educadores. Atualmente, todos são servidores públicos e atuam de alguma forma no sistema escolar.

Como já mencionamos ao longo dessa tese, em Rondônia, as atividades do Logos II foram encerradas no ano de 1994, na Paraíba o projeto foi finalizado somente no ano de 2005, e no Piauí também teve alunos remanescentes até 2005 (PARAÍBA, 2005). É interessante observar que mesmo depois de um certo tempo, circulam e circularam nas escolas concepções pedagógicas, sociais, políticas e econômicas das décadas de 1970 e 1980, já que esses professores-cursistas estavam sendo formados nos materiais formulados naquela época, e repassavam tais condicionantes sociopolíticos de concepção de homem e sociedade, e conseqüentemente, preceitos do papel da escola, da aprendizagem, das relações professor-aluno, das técnicas pedagógicas, entre outros fatores, para os seus alunos. As práticas docentes são influenciadas por tendências que são construídas historicamente, ou seja, são sempre reformulações de pressupostos teóricos herdados do passado. Tais tendências, como já afirmamos, não aparecem no seu estado puro, nem são exclusivas e muito menos capturam toda a complexidade da prática escolar, mas são uma fusão de diversas concepções.

As fusões de diferentes tendências teóricas coexistiam nos módulos do Projeto Logos II que analisamos, e essa parece ser uma característica do espaço escolar, da cultura escolar. A escola é um espaço composto por múltiplas ideias, teorias, correntes de pensamentos; algumas contraditórias, outras nem tanto. Neste mesmo sentido, Viñao Frago (2000, p. 100) afirma que a “cultura escolar pode ser definida como um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas”. Portanto, observar a cultura escolar ou mesmo como se deu a formação dos membros desta cultura, por exemplo, com o

professor pode-se obter pistas de como estas ideias foram sedimentadas ao longo do tempo no espaço escolar. Dessa maneira, mesmo sendo um curso pelo sistema modular, o Projeto Logos II e os professores, então formados nele não escapariam às múltiplas e diferentes teorias, correntes de pensamento, aos movimentos de reforma de disciplinas que traziam em seu bojo as concepções políticas, econômicas e sociais de grupos dominantes.

Ao analisarmos os módulos do Projeto Logos II percebemos uma grande influência de concepções estrangeiras em sua elaboração, pois, todos os fatores predispostos na legislação da década de 1970 e no ensino tecnicista que foram inspiradas em perspectivas internacionais estavam contidos no currículo, na forma de organização e conseqüentemente nos materiais didáticos Projeto Logos II. Seguindo o fluxo da época, tais materiais possuíam uma orientação enciclopédica, apresentando diversas tendências, tais como a tradicional, a progressivista, a não-diretiva e a tecnicista. Além disso, apresentavam-se também nos materiais, concepções divergentes, que articulavam conceitos da escola humanista com as teorias Behavioristas, sendo que a primeira veio justamente para se opor radicalmente aos ideários defendidos pelo behaviorismo.

Mas, no geral, todos os módulos do projeto, principalmente os direcionados para as didáticas específicas, adotavam as mesmas concepções e os mesmos estilos conceituais, marcados por um ecletismo conceitual que estava em consonância com as percepções de educação da época. Assim, conjecturamos que essa sintonia ocorria porque por mais que os elaboradores fossem diferentes, a Equipe Técnica do CETEB era a mesma e de uma certa forma, as ações dos elaboradores eram limitadas e fiscalizadas por essa equipe. Um exemplo de concepções da época eram as teorias de Piaget, que perpassaram por todas as disciplinas de didáticas específicas. Tais teorias foram tão enfáticas, tanto nos módulos como nos demais meios educacionais, que foi a única citada explicitamente por um dos depoentes em sua fala.

Como os módulos eram materiais de formação de professores, de alguma forma as teorias e as diferentes concepções foram utilizadas pelos professores-cursistas em suas aulas. Contudo, como esses materiais didáticos não tinham uma única marca teórica conceitual, os docentes não interligavam os princípios e fundamentos teóricos contidos nos módulos aos seus pensadores ou à classificação das linhas teóricas pedagógicas. Para identificarmos de qual marco teórico o professor-cursista estava se referindo tivemos que enquadrar o seu relato, por meio dos indícios, às características de determinada concepção. Como, por exemplo, quando o professor relatava sobre a sua forma de alfabetizar, por meio da sua exposição, classificamos o seu método como global, sintético ou misto. No entanto, sabemos da limitação de enquadrar uma prática em determinada concepção a partir de um relato, pois, temos o conhecimento de que a prática que compôs a realidade daqueles professores escapa a qualquer enquadramento.

Assim, no decorrer dessa pesquisa apontamos que concepções proposições operacionais dos módulos do Logos II foram apropriadas pelos professores-cursistas, por exemplo, o discurso da educação como solução para os problemas sociais. Tentamos assinalar também quais teorias foram ressignificadas e quais foram ignoradas ou esquecidas pelos professores-cursistas, ou talvez esquecido somente no momento de nos relatar, já que ao contar uma experiência vivida, o depoente pode acrescentar ou subtrair alguma informação, conscientemente ou não. No mais, não podemos afirmar que as concepções abordadas nos módulos e adotadas pelos professores-cursistas foram realmente inspiradas nos materiais do Logos II, já que esses profissionais da educação estavam em contato com outros grupos de formação e de discussão sobre a docência, principalmente nos cursos ofertados pelas secretarias municipais e estadual de educação. Também, posteriormente tiveram outras formações, como as do ensino superior. Como nos explicou Halbwachs (2003), à medida que os acontecimentos ficam cada vez mais distantes, relembramos o “passado” na forma de conjuntos, sendo que a memória está relacionada com os grupos que fizemos parte e que se modificaram com o decorrer do tempo. Ademais, essas recordações são influenciadas pelo que somos hoje.

O hoje, o que vivemos atualmente nos remetem de alguma forma, ao contexto político, social e educacional das décadas de 1970 e 1980. O combate às ideias de Paulo Freire, tão em voga nos anos do Logos II e a volta do ensino profissionalizante – previsto na nova BNCC – constituem alguns pontos em comum entre o passado e o presente. Mesmo olhando o passado a partir do presente é importante compreender que o momento e os contextos são outros, embora muita coisa parece se repetir.

De uma maneira geral, como contamos uma história dos professores-cursistas que concluíram o Projeto Logos II, ou seja, de certa forma, são apresentados os pontos de vista dos vencedores, seria interessante um estudo com as pessoas que não terminaram o Logos II, para analisar as dificuldades encontradas no material, ou algum obstáculo pessoal, etc. Outro ponto pertinente para pesquisas futuras seria encontrar e entrevistar os elaboradores dos materiais do Logos II. Que perspectivas eles assumiram quando elaboraram os módulos do Logos II? Como era o processo de elaboração em parceria com a Equipe Técnica do CETEB? Ademais, nem todos os módulos do Projeto Logos II foram analisados nesse estudo, portanto, constituem outras possibilidades para outras análises. Da mesma forma, é possível outras apreciações nos módulos já tratados por nós. Além dessas questões, apontamos a necessidade de compreender o Logos II e seus percursos formativos comparando com outros estados da Federação, o que permitirá, quiçá, entender um pouco mais sobre a educação do estado de Rondônia: o que o Logos II em Rondônia diferenciava dos outros estados? Que particularidades o estado de Rondônia tinha? Que particularidades foram assumidas em outras regiões? Obviamente outras questões podem ser levantadas.

Juntos, leitor, no decorrer dessa pesquisa percorremos diversos acontecimentos, e esperamos que a experiência compartilhada nesse percurso tenha sido aproveitável de alguma forma. Está chegando o momento de cada um seguir sozinho a viagem, e deixo o nosso agradecimento a todos que nos acompanharam até aqui. A única certeza que fica é que “Um bom viajante não tem planos fixos nem tão pouco a intenção de chegar” (Lao Tzu), pelo menos não definitivamente. Que nossas despedidas sejam um eterno reencontro em outras pesquisas, que esse ponto de chegada, seja somente um novo ponto de partida para outras histórias. Que nosso percurso continue levando sempre até a próxima estação...

FONTES PRIMÁRIAS

BRASIL. Ministério da Educação e cultura; Departamento de Ensino Supletivo. **Projeto Logos I**: O desafio da experimentação o resultado, Brasília, 1974.

BRASIL. Ministério da Educação e cultura; Departamento de Ensino Supletivo. **Projeto Logos II**, Brasília, 1975.

BRASIL/MEC. Logos II: Treinamento de OSD. Superintendência Educacional e Diretoria de Educação Supletiva, [1981?].

CETEB. **Logos II**: Registro de uma experiência. Brasília: CETEB, 1984.

CETEB. **Relatório interno**: desenvolvimento de recursos humano via educação a distância. 1990. [Mímeo].

CETEB. **Logos II**: Série 00 – Preparação do Cursista. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 01 – Informações Pedagógicas. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 01 – Informações Pedagógicas. Módulo 4. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 01 – Informações Pedagógicas. Módulo 6. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 01 – Informações Pedagógicas. Módulo 1 ao Módulo 06. 5ª ed. Brasília, 1987.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 1 ao Módulo 2. 5ª ed. Brasília, 1987.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 3. 4ª ed. Brasília, 1986.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 4. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 5. 3ª ed. Brasília, 1985.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 6. 5ª ed. revista. Brasília, 1982.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 11. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 02 – Técnicas de Estudos. Módulo 8. 4ª ed. Brasília, 1985.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 1 ao Módulo 8. 3ª ed. Brasília, 1985.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 3. 4ª ed. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 3. 4ª ed. Brasília, 1986.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 5. 4ª ed. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 6. 4ª ed. Brasília, 1981.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 8. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 12 ao Módulo 13. 5ª ed. Brasília, 1983.

CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 14. 4ª ed. Brasília, 1986.

- CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 15 ao Módulo 16. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 17. 5ª ed. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 18. 3ª ed. Brasília, 1985.
- CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 19. 5ª ed. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 03 – Língua Portuguesa. Módulo 20. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 04 – Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Módulo 1 ao Módulo 2. 4ª ed. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 04 – Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Módulo 1. 4ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 04 – Organização Social e Política do Brasil (OSPB). Módulo 3 ao Módulo 4. 5ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 05 – Educação Moral e Cívica. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 05 – Educação Moral e Cívica. Módulo 2. 5ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 05 – Educação Moral e Cívica. Módulo 3 ao Módulo 4. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 05 – Educação Moral e Cívica. Módulo 4. 5ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 2. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 3 e Módulo 4. 4ª ed. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 5 e Módulo 6. 4ª ed. revista. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 7. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 8. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 9. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 10 ao Módulo 12. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 11. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 06 – Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 12. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 1. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.

- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 2. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 4. 1ª ed. nova. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 5. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 5. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 6. 4ª ed. revista e alterada. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 6. 1ª ed. nova. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 7. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 8. 1ª ed. nova. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 9. 4ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 10 ao Módulo 13. 1ª ed. nova. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 11. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 07 – Matemática. Módulo 13. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 1. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 2. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 3 ao Módulo 4. 5ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 5. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 6. 3ª ed. Brasília, 1985.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 7. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 08 – Literatura Brasileira. Módulo 8. 5ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 1. 3ª ed. Brasília, 1980.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 1 ao Módulo 2. 5ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 1. 4ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 2 ao Módulo 3. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 3. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 4 ao Módulo 5. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 6 ao Módulo 7. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 6 ao Módulo 7. 1ª ed. nova. Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 09 – História. Módulo 8. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 2. 3ª ed. Brasília, 1980.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 2. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 3. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 4 ao Módulo 5. 3ª ed. Brasília, 1980.

- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 4 ao Módulo 5. 4ª ed. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 6. 3ª ed. revista e alterada. Brasília, 1980.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 6. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 7. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 7. 5ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 8. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 10 – Educação Artística. Módulo 8. 5ª ed. revista. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 2 ao Módulo 3. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 4. 5ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 5. 4ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 6. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 7. 5ª ed. Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 8. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 11 – Geografia. Módulo 9. 4ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 12 – Programa de Saúde. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 12 – Programa de Saúde. Módulo 2. 5ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 12 – Programa de Saúde. Módulo 3. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 12 – Programa de Saúde. Módulo 4. 4ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 12 – Programa de Saúde. Módulo 5 e Módulo 6. 4ª ed. revista. Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 20 – Didática da Linguagem. Módulo 1 ao Módulo 7. 1ª ed. Nova Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 20.1 – Didática de Português. Módulo 2 ao Módulo 8. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 1. 3ª ed. revista Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 1. 4ª ed. revista Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 2. 3ª ed. Nova Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 2 ao Módulo 5. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 3. 3ª ed. revista Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 4. 1ª ed. Nova Brasília, 1984.

- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 5 ao Módulo 8. 3ª ed. revista Brasília, 1981.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 6 e Módulo 7. 4ª ed. revista Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 21 – Didática da Matemática. Módulo 8. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 22 – Didática dos Estudos Sociais. Módulo 1 ao Módulo 7. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 22 – Didática dos Estudos Sociais. Módulo 8. 4ª ed. revista Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 23 – Didática das Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 1 e Módulo 2. 3ªed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 23 – Didática das Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 3. 4ªed. revista Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 23 – Didática das Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 4. 1ªed. Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 23 – Didática das Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 4. 4ªed. revista Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 23 – Didática das Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 5 ao Módulo 8. 3ªed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 23 – Didática das Ciências Físicas e Biológicas. Módulo 1. 3ªed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 25 – Didática da Educação Física. Módulo 1. 4ªed. revista Brasília, 1983.
- CETEB. **Logos II**: Série 25 – Didática da Educação Física. Módulo 1 ao Módulo 2. 3ªed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 26 – Técnicas de Preparação de Material Didático. Módulo 1. 4ªed. revista Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 26 – Técnicas de Preparação de Material Didático. Módulo 2. 4ªed. revista Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 1 ao Módulo 2. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 1. 1ª ed. nova. Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 2. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 3. 1ª ed. nova. Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 4. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 5. 1ª ed. nova. Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 6 ao Módulo 8. 4ª ed. revista Brasília, 1982.

- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 7. 1ª ed. nova. Brasília, 1984.
- CETEB. **Logos II**: Série 27 – Didática da Educação Artística. Módulo 8. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 28 – Recreação e Jogos. Módulo 1. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 28 – Recreação e Jogos. Módulo 2. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 28 – Recreação e Jogos. Módulo 3. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 28 – Recreação e Jogos. Módulo 4. 2ª ed. revista e alterada. Brasília, 1979.
- CETEB. **Logos II**: Série 28 – Recreação e Jogos. Módulo 5 ao Módulo 6. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 29 – Educação Física. Módulo 1. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 29 – Educação Física. Módulo 2. 3ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 29 – Educação Física. Módulo 3. 4ª ed. revista. Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 30 – Língua Estrangeira Moderna. Módulo 1. 4ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 30 – Língua Estrangeira Moderna. Módulo 2 ao Módulo 3. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 30 – Língua Estrangeira Moderna. Módulo 4. 4ª ed. revista Brasília, 1982.
- CETEB. **Logos II**: Série 30 – Língua Estrangeira Moderna. Módulo 4. 4ª ed. Brasília, 1987.
- CETEB. **Logos II**: Série 30 – Língua Estrangeira Moderna. Módulo 5. 3ª ed. Brasília, 1986.
- CETEB. **Logos II**: Série 30 – Língua Estrangeira Moderna. Módulo 6. 4ª ed. Brasília, 1987.
- DSU/SEDUC. **Instrução Normativa nº 001 de 17 de abril de 1985**. Porto Velho, 1985.
- DESU/SEDUC. **Instrução Normativa nº 002 de 26 de abril de 1989**. Porto Velho, 1989.
- LOVO, Z. A. Depoimento [19 de abril 2017]. Pimenta Bueno (RO), 2017. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.
- LOVO, Z. A. Depoimento [09 de agosto 2018]. Pimenta Bueno (RO), 2018. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.
- PARECER N.º 0001/CEE/RO/83. **Emenda: Projeto Logos II – 83**. Câmara de Planejamento. Redator: Cons. Magna França de Queiroz. Porto Velho, 09 de fevereiro de 1983.
- PESSINA, R. M. M. **Currículo CETEB**: 1968-2013. Brasília: CETEB, 2013.
- ROCHA, J. G. Depoimento [19 de abril 2017]. Pimenta Bueno (RO), 2017. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.
- ROCHA, J. G. Depoimento [09 de agosto 2018]. Pimenta Bueno (RO), 2018. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.
- SANDER, O. M. Depoimento [26 de abril 2017]. Ariquemes (RO), 2018. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.
- SANDER, O. M. Depoimento [13 de agosto 2018]. Ariquemes (RO), 2018. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.

SCHMIDT, O. Depoimento [25 de abril 2017]. Ariquemes (RO), 2017. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.

SCHMIDT, O. Depoimento [15 de agosto 2018]. Ariquemes (RO), 2018. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.

SGANZERLA, R. P. Depoimento [17 de abril 2017]. Vilhena (RO), 2017. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.

SGANZERLA, R. P. Depoimento [07 de agosto 2018]. Vilhena (RO), 2018. Entrevista concedida a Cristiane Talita Gromann de Gouveia.

REFERÊNCIAS

- ABUD, K. M. **Conhecimento histórico e ensino de História**: a produção do conhecimento histórico escolar. In: SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. R. (Org.). *Perspectivas do ensino de História III*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 149-156.
- ALVES, D. O ensino de filosofia nos anos de repressão pós-1964. **Revista Ensaios Filosóficos**, Volume X, p. 45-64, Dezembro/2014. Disponível em: <http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo10/ALVES_D_O_ensino_de_filosofia_nos_anos_de_repressao_pos_1964.pdf> Acesso em: 25 de novembro de 2017.
- ÁLVERES-AFONSO, F. M. **Rondônia**: Ocupação, crescimento e organização agrária. Fortaleza: Realce Editora, 2008.
- AMARAL, I. A. Os fundamentos do ensino de Ciências e o livro didático. In: FRACALANZA, H et al. **O livro didático de ciências no Brasil**. Campinas: Editora Komedi, 2006.
- AMARAL, M.T.M. Políticas de habilitação de professores leigos: a dissimulação da inocuidade. In: GARCIA et al. **Professor Leigo**: Institucionalizar ou erradicar? São Paulo: Cortez; Brasília: SENEb, 1991. p. 37-83.
- ANDRADE, D. Q. S.; ARANTES, A. R. V. A história do ensino da arte no Brasil: tendências e concepções. *Revista de Magistro de Filosofia - Ano IX*, no. 20, 2016. Disponível em: <<http://catolicadeanapolis.edu.br/revistamagistro/wp-content/uploads/2016/09/ahist%C3%B3ria-do-ensino-da-arte-no-brasil-tend%C3%A2ncias-e-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.
- ANDRADE, J. P. **Projeto Logos II na Paraíba**: Ingerências Políticas e implicações na sua proposta político-pedagógica. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba.
- ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2002.
- APOSTEL, L.; MANDELROT, B.; PIAGET, J. **Logique et équilibre**. Paris: PUF, 1957.
- ARANTES, A. C. A História da Educação Física escolar no Brasil. **Revista Digital (Efdeportes)**, Buenos Aires, Año 13, nº 124 - Setiembre de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.
- ARRUDA, H. P. de B. Planejamento e plano de aula na educação: histórico e a prática de dois professores. **Revista Educativa**. Goiânia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2015, p.241-265.
- AVÍZ, F. S.; SILVA, V. M. A. **Educação a Distância**: Uma Abordagem de Ensino e Aprendizagem, referenciando o SENAC no Pará. Belém-PA, 2001. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Ciências Humanas e Educação da (UNAMA), 2001. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/monografias/EDUCACAO_DISTANCIA.pdf> Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.
- AZEVEDO, Edith D. M. Apresentação do trabalho matemático pelo sistema Montessoriano. In: **Revista de Educação e Matemática**, n. 3, 1979 (p. 26-27).
- BAGNATO, M. H.a. O ensino da saúde nas escolas de 1º grau. **Revista Pró-posições**, v.1, n.1, p.53-59. 1990.

BARALDI, I.M. **Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru: uma história em construção**. 2003. 267f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2003.

BARALDI, I.M.; GAERTNER, R. Contribuições da CADES para a Educação (Matemática). Secundária no Brasil: uma Descrição da Produção Bibliográfica (1953-1971). **Revista Bolema**. Rio Claro (SP), v.23, nº 35A, p. 159-183. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2912/291221892009.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

BARALDI, I.M.; GARNICA, A. V. Traços de uma paisagem: os anos 60 e 70 e a formação de professores de matemática na região de Bauru (SP). **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 18, junho de 2005, p. 65-74. Disponível em: <<http://periodicos.puc-ampinas.edu.br/seer/index.php/reveduacao/article/view/261/244>> Acesso em: 27 de março de 2018.

BARBOSA, A. M. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2008.

BARBOSA, J. L.M. **Geometria Euclidiana plana**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade brasileira de matemática, 2002.

BENVEGNÚ JR, A. E. Educação Física escolar no brasil e seus resquícios históricos. **Revista de Educação do IDEAU (REI)**, Vol. 6, nº 1, Jan./Jul de 2011. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/151_1.pdf> Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

BERNARDES, J. A. P.; OLIVÉRIO, L.O.. Uma breve história do ensino de arte no Brasil. **Revista científica claretiano**. Educação, Batatais, v. 1, n. 1, p. 25-36, jan./dez. 2011. Disponível em: <<https://intranet.redeclaretiano.edu.br/download%3Fcaminho%3D/upload/cms/revista/sumarios/229.pdf%26arquivo%3Dsumario2.pdf+%&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

BERTI, N. M. 2005). O Ensino de Matemática no Brasil: buscando uma compreensão histórica. VI Jornada do HISTEDBR, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Nov. 2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada6/trabalhos/617/617.pdf>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

BLOCH, M. **Apologia da história ou o ofício do Historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOLINO, C. Educação Física Escolar: Primeiros tempos. III Congresso Brasileiro de História da Educação (SBHE), PUC (PR). **Anais**. Nov./2004. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/109.pdf>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

BRANDÃO, C. R. Os Professores Leigos. **Em Aberto**, Brasília, ano 5, nº 32, p. 13-16, out./dez. 1986.

BRASIL. Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as diretrizes e bases da educação nacional**. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 27 dez. 1961. Seção 1, p.11429.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 ago. 1971a.

BRASIL. **Parecer nº 853 de 12 de novembro de 1971**. Núcleo comum para os currículos do ensino de 1º e 2º graus. A doutrina do currículo na Lei n. 5.692. In: Documenta nº 132, Rio de Janeiro, nov. 1971b.

BRASIL. **Decreto nº 68.065, de 14 de janeiro 1971.** Regulamenta o Decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. 1971c. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-68065-14-janeiro-1971-409991-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

BRASIL. **Resolução n. 58/76 de 22 de dezembro de 1976, do CFE.** Altera os dispositivos da Resolução n.8, de 1 de dezembro de 1971 e dá outras providências”. Documenta, Rio de Janeiro, 1976.

BRASIL. Ministério da Educação e cultura; Secretária-Geral. **Subsídios para o planejamento da educação no meio rural**, Brasília, 1979.

BRASIL/CFE. **Parecer 2.246/74 de agosto de 1974.** Ensino de 1º e 2º graus. Educação da Saúde e Programas de Saúde. Documenta 165. Brasília. 1974.

BRASIL/MEC/CFE. **Parecer 349 de 06 de abril de 1972.** Organiza a habilitação para o magistério. In.: Documenta, n. 137, p. 155-173, abr. 1972.

BRITO, A. J., A matemática de Isidoro de Sevilha e a tradição pitagórica. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 49-57, jan. | jun. 2005. Disponível em: <http://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=125>. Acesso em: 17 de Abril de 2018.

BRITO, A. J. A USAID e o Ensino de Matemática no Rio Grande do Norte. **Revista Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 21, n. 30, p. 1-25, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1778>> . Acesso em: 22 de Junho de 2012.

BURIGO, E. Z. Movimento da Matemática Moderna no Brasil: um estudo da ação e do pensamento de educadores matemáticos nos anos 60. Porto Alegre, 1989, Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 1989.

BURKE, P. **O que é história cultural?** 5.ª ed. Trad. Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURKE, P. **História e teoria social** 2.ª ed. Trad. Klauss Brandini Gerhardt; Roneide Venâncio Majer; Rovertto Ferreira Leal. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CALAZANS, M. J. C. Para compreender a educação do Estado no meio rural – Traços de uma trajetória. In.: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M.N. **Educação e Escola no Campo**. p. 15-42. São Paulo: Editora Papirus, 1993.

CÂMARA, J. O sonho, a Trajetória e as perspectivas de uma vida: Maria de Lurdes Mäder Pereira. **Revista Idade Maior**, 22 de março de 2009. Disponível em: <<http://www.idademaiores.com.br/vida-memoria-1-marco.html>> Acesso em: 30 de outubro de 2017.

CAMARGO, C. C. O. Ateliê de arte na escola: percursos dialógicos entre o espaço vazio e o espaço a ser apreendido. Disponível em: **Revista ouvrouver**. Uberlândia, v. 6 n. 2 p. 336-351 jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvrouver/article/view/12296>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

CAMPOS, M. C. S. Formação do Magistério em São Paulo: do Império a 1920. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.72, p.5-16, fev.1990.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F.; FERREIRA, I. M. Creches e pré-escolas no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CAMPOS, R. H. F. **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: Pioneiros**. Rio de Janeiro: Imago/CFP, 2001.

CAPELO, F. M. Aprendizagem centrada na pessoa: Contributo para a compreensão do modelo educativo proposto por Carl Rogers. **Revista de Estudos Rogerianos: A Pessoa como Centro**. Nº. 5, Primavera-Verão, maio de 2000.

CARPI, A. C. M. S.; MORAES, J. F. S. **Centro Educacional de Niterói: percursos, trajetórias e histórias**. 11º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (ANPEDSUDESTE), João Del Rei, Minas Gerais, 2014. Disponível em: < <https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/07/ana-cristina-menegaz-dos-santos-carpi-jacqueline-de-fatima-dos-santos-morais.pdf> >. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

CAVALHEIRO NETO, A. **A escola como expressão e resposta às exigências dos modelos de produção do capital**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá.

CHAGAS, V. **Educação Brasileira: o ensino de 1º e 2º graus: antes, agora e depois?**. São Paulo: Editora Saraiva, 1978.

CHAGAS, V. Núcleo Comum para os Currículos do Ensino de 1º e 2º Graus. **Revista. bras. Est. pedag., Brasília**, v.74, n. 177, p.385-423, maio/ago. 1993.

CHAGURI, j. p. O ensino de línguas estrangeiras com a LDB 1971. **Revista Helb**, ano 5, v. 5, p. 1-12, 1/2011. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-5-no-5-12011/191-o-ensino-de-linguas-estrangeiras-com-a-ldb-1971>>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

CLARE, N. A. V. 50 anos de ensino de língua portuguesa (1950 -2000). In: VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Cadernos do CNLF, Série VI, nº06 , 2002. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-05.html>> . Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

COLEÇÃO NOSSO SÉCULO BRASIL: 1960/1980 (II). **Brasil, Grande Potência**. São Paulo: Editora Abril, 1986.

CORDEIRO, E. M. **Travessias de Cecília: A caminho da Educação Matemática no CEEJA Padre Moretti - Rondônia**. 2014. Tese (Doutorado em Educação Matemática).

CORDEIRO, E. M. Conversas sobre a formação de professores que ensinam matemática na Educação de Jovens e Adultos. In: Brito, A. J.; Miorim, M. A.; Ferreira, A. C.. (Org.). **História da Formação de Professores: a Docência de Matemática no Brasil**. 1ed.Salvador, BA: EDUFBA, 2018, v. 1, p. 305-328.

CORREIA, M. F. B. A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. **Revista Estudos de Psicologia**. 2003, 8(3), p.505-513. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19973.pdf> >. Acesso em 23 de março de 2019.

COSTA, A. L. M . C. A ditadura vista da escola: uma memória. **Revista Carta Capital**, 2014.Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-ditadura-vista-da-escola-uma-memoria-945.html> > Acesso em: 22 de fevereiro de 2018.

COSTA, L. L.N.; SOARES, L. G. O Período Preparatório da Alfabetização e Formação Docente: Considerações Acerca de Uma Consulta Realizada em Manuais Pedagógicos. In.: III

Encontro Humanístico Multidisciplinar e II Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, Jaguarão/RS, nov/2017. Anais. Disponível em: < <https://www.claec.org/eventos/index.php/ehm/3ehm/paper/download/977/360+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

COSTA, R.R. **A capacitação e aperfeiçoamento dos professores que ensinavam matemática no Estado do Paraná ao tempo do Movimento de Matemática Moderna – (1961 a 1982)**. Curitiba, 2013, Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), 2013.

COSTA, S.C.S. **John Dewey: uma filosofia da educação**. 2012. Disponível em: < <https://pedagogiaaopedaletra.com/john-dewey-uma-filosofia-educacao-2/> > Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 24^a ed. Campinas: Papirus, 2012.

DAMASCENO, M.N. A construção do saber social pelo camponês na sua prática produtiva e política In.: THERRIEN, J.; **Educação e Escola no Campo**. p. 15-42. São Paulo: Editora Papirus, 1993.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. Belo Horizonte autêntica, 2001.

DAVIS, C.; GATTI, B. A. A dinâmica da sala de aula na escola rural In.: THERRIEN, J.; **Educação e Escola no Campo**. p. 75-136. São Paulo: Editora Papirus, 1993.

DIAS, R. E.; LOPES, A.C. Competências na formação de professores no Brasil: o que (não) há de novo. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1155-1177, dezembro 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a04v2485.pdf>>. Acesso em: 17 de abril de 2018.

ESTRELA, L. R. A sala de aula e suas conexões espaciais. XIII Encontro de formação de professores (ENFOPE). Edição Internacional. Anais. 2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/download/1501/364> >. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

EVANGELISTA, C. J. ; BRITO, A. J. . Programas especiais de formação de professores de matemática realizados na região norte. In: Brito, A. J.; Miorim, M. A.; Ferreira, A. C.. (Org.). **História da Formação de Professores: a Docência de Matemática no Brasil**. 1ed.Salvador, BA: EDUFBA, 2018, v. 1, p. 325-340.

EVANGELISTA, C. J. ; GROMANN DE GOUVEIA, C. T. A formação de Professores Leigos: Um olhar para os periódicos. In: BRITO, A. J.; FARIAS, K. S. C. S.; MIORIM, M. A.. (Org.). **Pesquisas Históricas em Jornais e Revistas: Produções do HIFEM**. 1^aed.São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014, v. 1, p. 217-242.

FARIA, A. C. E., et al. **Método Montessoriano: a importância do ambiente e do lúdico na educação infantil**. Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery, n.12, jan-jun de 2012.

FARIAS, I. M. S.. O planejamento da prática docente. In: _____ et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. 3. ed. Brasília: Liber, 2011, p. 107-136.

FARIAS, S. A. D. **Uma análise da produção didática da matemática a distância: o caso da UFPB**. João Pessoa-PB, 2009, Dissertação (Mestre em Educação Matemática) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2009.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação**, Centro de Estudos Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 98,

p. 73-95, jan./abr. 2007.

FERRARI, M. Maria Montessori: a médica que valorizou o aluno. In.: **Revista Nova Escola**. São Paulo, n.º 19, p 31-33, Jul/2008.

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia da arte**. 2ª ed. 6ª reimp. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRA, M. L. A. C. **Formação e desenvolvimento de conceitos**. Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1967.

FILGUEIRAS, J. M. O livro didático de educação moral e cívica na ditadura de 1964: a construção de uma disciplina. VI congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Uberlândia-MG. **Anais**. 2006a. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/302JulianaMirandaFilgueiras.pdf>> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

FILGUEIRAS, J. M. A Educação Moral e Cívica e sua produção didática: 1969-1993. São Paulo-SP, 2006, Dissertação (Mestre em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC_SP), 2006b. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/10549/1/Dissertacao%20Juliana%20Miranda%20Filgueiras.pdf>> Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

FILGUEIRAS, J. M. A produção de materiais didáticos pelo MEC: da Campanha Nacional de Material de Ensino à Fundação Nacional de Material Escolar. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 33, nº 65, p. 313-335 - 2013

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática**: percursos teóricos e metodológicos. 2.ª Ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2007.

FONTOURA, A. **A Reforma do Ensino**: (Diretrizes e Bases para o estudo de 1º e 2º Graus). Rio de Janeiro: Aurora, 1972.

FORQUIN, J.C. **Escola e cultura**: As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOUCAULT, M.. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FURLAN, E.; FIUZA, A. L. ensino de arte na década de 70: as diferentes linguagens visuais e sua influência na formação educacional do sujeito. In.: Seminário de pesquisa do PPE, Universidade Estadual de Maringá (UEM). **Anais**. Jun/2013. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_02/48.pdf> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. L. C. T. **Arte na Educação Escolar**. 2ª ed. rev. São Paulo: Cortez, 2006.

GARNICA, A. V. M. **História Oral e História da Educação Matemática**: considerações sobre um método. I Congresso IberoAmericano de História da Educação Matemática, Covilhã, Portugal, 2011.

GERMANO, J. W. **Estado Militar e Educação no Brasil**: 1964/1985 um estudo sobre a política educacional. Campinas, 1990, Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 1990.

GHIRALDELLI JR, P. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 1994.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, C. Sobre Aristóteles e a história, mais uma vez. In: _____ **Relações de Força**: história, retórica e prova. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- GINZBURG, C. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: _____ ECO, U; SEBCK, T. A (orgs.). **O signo de três**. Trad. Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GONDIM, M. A. D. R. **O Projeto LOGOS II no Piauí**: uma análise de programas para formação do professor leigo de zona rural. 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.
- GOODSON, I. F. **Currículo**: teoria e história 13ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.
- GOULART, I. B. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- GOULARD, I. C. V. O objeto-livro na relação entre o leitor e a leitura: do guardar ao relembrar. **Revista Práticas de Linguagem**, UFJF, Juiz de Fora (MG), v.2, n. 2, p. 48-68, jul/dez de 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2013/01/48-68-O-objeto-livro-na-rela%C3%A7%C3%A3o-entre-leitor-e-leitura2.pdf>>. Acesso em 14 de março de 2017.
- GOUVEIA NETO, S. C.; GROMANN DE GOUVEIA, C. T. Índicios-do-movimento-da-matemática-moderna-em-Rondônia-articulando-uma-história-em-dois-projetos. In: Congresso Brasileiro de Educação (CBE), VI, Bauru: 2017. **Anais do VI Congresso Brasileiro de Educação**. Bauru: Universidade Estadual Paulista, Bauru.
- GROMANN DE GOUVEIA, C. T. **Os módulos de didática da matemática na formação de professores leigos no Projeto Logos II**. In: XXVIII RELME - Reunião Latino Americana de Matemática Educativa, 2014, Barranquilla. 28 RELME, 2014a.
- GROMANN DE GOUVEIA, C. T. **Correntes de Pensamentos nos módulos de Didática da Matemática**: Formação de Professores Leigos no Projeto Logos II. In: II ENAPHEM - Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática, 2014, Bauru-SP. Fontes, temas, metodologias e teorias: a diversidade na escrita da história da Educação Matemática no Brasil. Bauru-SP: Faculdade de Ciências, 2014b. v. II. p. 1078-1088.
- GROMANN DE GOUVEIA, C.T. **O Projeto Logos II em Rondônia**: a implantação do projeto-piloto e as mudanças em sua organização político-pedagógica. 2016. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2016a.
- GROMANN DE GOUVEIA, C. T. Arte e Matemática nos módulos da disciplina de Educação Artística do Projeto Logos II. In: XII Seminário de História da Educação da UNESP: 'História das Instituições Escolares, memória e resistência', 2016, Rio Claro. **Anais do XII Seminário de História da Educação da UNESP**: 2016b.
- GROMANN DE GOUVEIA, C. T. Breve análise da disciplina de Didática da Educação Física do Projeto Logos II. In: IV Congresso Internacional de Formação Profissional e IX Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física, 2016, Rio Claro - SP. **Anais do IV Congresso Internacional de Formação Profissional e IX Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física**, 2016c. p. 47-47.
- GROMANN DE GOUVEIA, C. T.; GOUVEIA NETO, S. C. Concepções de arte na disciplina de Educação Artística no Projeto Logos II. In: X Seminário Linguagem, Políticas de Subjetivação e Educação, 2016, Rio Claro - SP. **Anais do X Seminário Linguagem, Políticas de Subjetivação e Educação**, IV Seminário do I-MAGO, I Seminário do Laboratório ESCRITARTE e I Seminário do GREEFA, 2016d. p. 31-31.
- GROMANN DE GOUVEIA, C. T.; GOUVEIA NETO, S. C. Arte e Matemática nos módulos da disciplina de Educação Artística do Projeto Logos II. In: XII Seminário Nacional de

História da Matemática, 2017, Itajubá. **Anais do XII Seminário Nacional de História da Matemática**, 2017.

GROMANN DE GOUVEIA, C. T.; GOUVEIA NETO, S.C. . A construção de materiais didáticos para o ensino da matemática nos módulos do Projeto Logos II. In: XVIII SEMAT - O ensino da Matemática na contemporaneidade: desafios e perspectivas, 2018, Ji-Paraná. **Anais da XVIII Semana de Matemática**, 2018a.

GROMANN DE GOUVEIA, C. T.; GOUVEIA NETO, S.C. . Concepções teóricas propostas nos módulos de psicologia da educação do Projeto Logos II. In: SemiEdu 2018 - 30 anos do PPG: diálogos entre políticas públicas, formação de professores e educação básica, 2018, Cuiabá. **Anais do SemiEdu 2018**, 2018b.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HILÁRIO, R. A. **A escola de linha em Rondônia: a pedagogia da diversidade e acolhimento discente no interior da floresta Amazônia**. Tese (Doutorado) – Faculdade de educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

HOLANDA, F.H.O.; FRERES, H.; GONÇALVES, L.P. A pedagogia das competências e a formação de professores: breves considerações críticas. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**. Ceará: UFC, Ano 1, n.01, p.122-135, jan.2009 Disponível em: http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/helenas_e_laurinete.pdf . Acesso em: 10 de agosto de 2015.

HYPOLITTO, D. Formação continuada: análise dos termos. **Revista Integração: Ensino-pesquisa-extensão**, São Paulo, v. 6, n. 21, p. 101-103, 1999.

KLINE, M. **O fracasso da matemática moderna**. São Paulo: IBRASA, 1976.

KRASILCHIK, M. **O Professor e currículo de Ciências**. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão ... [et al]. 5ª ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEITÃO, V. M. Da teoria não-diretiva à abordagem centrada na pessoa: Breve histórico. **Rev.Psicologia**. Fortaleza, n.4 (1), jan./jun. 1986, p. 65-87.

LIBÂNIO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____ . **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

LONGHINI, I.M. Diferentes contextos do ensino de biologia no Brasil de 1970 a 2010. **Revista Educação e Fronteiras (on-line)**, Dourados/MS, v.2, n.6, p.56-72, set./dez. 2012. Disponível em: < <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1801>. > Acesso em: 27 de novembro de 2018.

LONGO, G. A.; ARAÚJO, D. A. C. Contexto histórico da avaliação educacional no ensino superior. **Revista Ética e Responsabilidade Social**, UFRS, v.1, n.3, 2010. Disponível em: < <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3352> >. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

LOUZADA, C. O.; FROTA FILHO, A. B.. Metodologias para o ensino de geografia física **Revista Geosaberes**, Fortaleza, v. 8, n. 14, p. 75-84, jan. / abr., 2017. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/397/554>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

LÜDKE, M. A complexa relação entre professor e pesquisa. In.: ANDRÉ, M. (orgs). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: papirus, 2001.

LÜBKE, J. V.R.; COSTA, R. R. Manuais didáticos: a produção de livros didáticos de ciências nas décadas de 1970 e 1980. X Congresso Nacional de Educação (Educere) PUC (PR). **Anais**. Nov./2011. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4231_2737.pdf> Acesso em: 09 de outubro de 2018.

MACHADO, A. **Achegas para História da Educação no Estado de Rondônia**. 2ª ed. Porto Velho: Secretária de Estado da Educação, 1993.

MACHADO, F. R. I. et al. Educação Física escolar e a separação por gênero: reflexões a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência. **EFDeportes (Revista Digital)**. Buenos Aires, Año 18, N° 184, Septiembre de 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd184/educacao-fisica-a-separacao-por-genero.htm>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

MALFACINI, A. C. S. Breve histórico do ensino de língua portuguesa no Brasil: da Reforma Pombalina ao uso de materiais didáticos apostilados. **Revista IDIOMA**, Rio de Janeiro, nº. 28, p. 45-59, 1/2015. Disponível em: <http://www.institutodeletras.uerj.br/idioma/numeros/28/Idioma28_a04.pdf>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

MANTOVANI DE ASSIS, O. Z.. **A posição epistemológica de Jean Piaget**. Projeto de Formação de Recursos Humanos em Educação Pré-Escolar: aperfeiçoamento de pessoal em serviço com vistas à implantação do proepr, 1981 (mimeo).

MARIN, A.J. Educação continuada: introdução a uma análise de termos e concepções. **Cadernos CEDES**, 1ª ed., n.36, p. 13-20, UNICAMP, São Paulo: Papirus, 1995.

MARTINS, M. C. A. As humanidades em debate: a reformulação curricular e a criação de novas disciplinas escolares. In: OLIVEIRA, M. A T.; RANZI, S. M. F (Orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

MARTINS, M. C. A. Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 51, p. 37-50, jan./mar. 2014. Editora UFPR. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n51/n51a04.pdf>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

MATHIAS, C. L. K. O ensino de História no Brasil: contextualização e abordagem historiográfica. **Revista História Unisinos**, p. 40-49, Janeiro/Abril 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/viewFile/959/163>> Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

MATHISON, Sandra. Why Triangulate? **Educational Researcher**, v.17, n.2, p. 13-17, mar. 1988.

MATOS, Eloiza Aparecida Silva Avila de. O programa "Aliança para o Progresso": o discurso civilizador na imprensa e a educação profissional no Paraná – Brasil. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL PROCESO CIVILIZADOR, 11., 2008, Buenos Aires. **Anais**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 359-367

MELO, A. A.; VLANCH, V. R. F.; SAMPAIO, A. C. F. História da geografia escolar brasileira: continuando a discussão. In.: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Uberlândia-MG. **Anais**. Abr./2006. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br>

[/colubhe06/anais/arquivos/239AdrianyMelo_VaniaRubia.pdf](#)<. Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

MENDES, E. V. **Uma agenda para a Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1996, 300p..

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H.. Verbetes Madureza. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<http://www.educabrazil.com.br/madureza>>. Acesso em: 19 de jan. 2018.

MIORIM, M. A. **O Ensino de Matemática: Evolução e Modernização**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

MONTEIRO, P. H.; BIZZO, N. A saúde na escola: análise dos documentos de referência nos quarenta anos de obrigatoriedade dos programas de saúde, 1971-2011. **Revista História, Ciências, Saúde** – Mangueiras, Rio de Janeiro, v.22, n.2, abr.-jun. 2015, p.411- 427.

MOREIRA, A. F. B. **Currículos e Programas no Brasil**. 18ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

MORTATTI, M. R. L.. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. **Revista Cadernos CEDES** [online], vol.20, n.52, 2000, p.41-54.

MUNIZ, C. A.; SANTANA, E. R. dos S.; MAGINA, S. M. P.; FREITAS, S. B. L. de. O corpo como fonte do conhecimento matemático. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Construção do Sistema de Numeração Decimal**. Brasília: MEC, SEB, 2014. p.10-13.

MUZZIO, H. Indivíduo, Liderança e Cultura: Evidências de uma gestão da criatividade. **Revista RAC**, vol. 21 n. 1, artigo 6, p. 107-124, 2017.

NASCIMENTO, F.; FERNANDES, H.L.; MENDONÇA, V. M. O Ensino de Ciências no Brasil: história, formação de professores e desafios atuais. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.39, p. 225-249, set.2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/39/art14_39.pdf > Acesso em: 23 de março de 2019.

NASCHOLD, A. C. et. al. A alfabetização nas letras e a desnaturalização do efeito Mateus. In: NASCHOLD, et. al. *Aprendizado da leitura e da escrita: a ciência em interfaces*. Natal: EDUFRN, 2015.

NIEMANN, F. A.; BRANDOLI, F. Jean Piaget: um aporte teórico para o construtivismo e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e da Matemática. In. SEMINÁRIO DE PESQUISA E EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL (ANPED SUL), 9, p.1-14, 2012. Caxias do Sul. **Conferência: Rio Grande do Sul**. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/770/71>>. Acesso em: 01 de outubro de 2018.

NÖRNBERG, N. E. A formação do professor Leigo em Rondônia - tempo/espaço de espera e esperança. In: V ANPEd - SUL Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul, 2004, Curitiba. **Anais - V ANPEd - SUL Seminário de pesquisa em Educação da Região Sul**, 2004.

NOSELLA, M. L. C. D. **As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos**. 8ª ed. São Paulo: Moraes, 1981.

OKANE. E. S. H.; TAKAHASHI, R. T.. O estudo dirigido como estratégia de O estudo dirigido como estratégia de ensino na educação profissional ensino na educação profissional

em enfer em enfermagem. **Rev Esc Enferm USP**, 2006; 40(2):160-9. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v40n2/02.pdf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. /2004. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/download/223/225>>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

OLIVEIRA, S. C. B. **A formação dos professores em Guaraniaçu**: A capacitação em serviço, Logos I, Logos II e HAPRONT. Paraná, 2010, Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), 2010.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Diário Oficial formaliza desativação do Projeto Logos II**. Publicado em 18 de janeiro de 2005. Disponível em: <<http://www.sec.pb.gov.br>> Acesso em: 16 de outubro de 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica: Ciências**. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_cien.pdf> Acesso em: 14 de novembro de 2017.

PARDAL et.al. Quando for grande vou ser professor: a identidade docente representada por futuros professores. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 11, n. 33, p. 417-433, maio/ago. 2011.

PAVIANI, B. Educação moral e cívica na ditadura militar brasileira: uma tentativa de legitimar o poder. (1969-1971). XXV Semana de Ciências sociais – Universidade Estadual de Londrina, 2014. **Anais**. 2014 Disponível em : <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT6-%202014/GT6_Bruno%20Paviani.pdf> Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

PELEGRINI, D. K. V. Educação moral e cívica: disciplina e poder disciplinar no ensino de primeiro grau mato-grossense da década de 1970. 2011. Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), 2011. Disponível em: <<http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/96f4405147688094b6b9ff4a6ffce013.pdf>> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

PEREIRA, A. M. **A disciplina de História da Educação e sua apresentação nos módulos de ensino do Projeto Logos II**: uma história a ser contada (1970 a 1980). 2015. Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2015.

PEREIRA, J. F. O ensino de história durante a ditadura militar (1964-1985). In.: XXV Semana de Ciências Sócios. Universidade estadual de londrina (UEL). **Anais**. Abr./2014. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT6-%202014/GT6_Jefferson%20da%20Silva%20Pereira.pdf> Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

PERES, M.A.C. Do taylorismo/fordismo à acumulação flexível toyotista: novos paradigmas e velhos dilemas. **Intellectus Revista Acadêmica Digital**. Sumaré, v. 2, n.Jul./2004, p. 129-139, São Paulo: Faculdade de Jaguariúna, 2004. Disponível em: <<http://www.revistaintellectus.com.br/DownloadArtigo.ashx?codigo=57>>. Acesso em: 14 de agosto de 2017.

PERONI, V. Reforma do estado e políticas educacionais no Brasil. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 1, n. 1, - jan./jul. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/viewFile/17362/9526>> Acesso em: 16 de dezembro de 2017.

PERONI, V.; ADRIÃO, T. Público não-estatal: Estratégias para o setor educacional brasileiro. In: ____ (Orgs.) **O público e o privado na educação: interfaces entre estado e sociedade**. São Paulo: Xamã, 2005.

PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência e decidir na incerteza**. 1ª edição. Artmed, 2001.

PESAVENTO, S.J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIAGET, J. **O Estruturalismo**. Trad. Moacir Renato de Amorim. 2 ed. rev. São Paulo: DIFEL, 1974.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**; tradução de Álvaro Cabral e Chistiano Monteiro Oiticica. 2 ed. Rio de Janeiro, Brasília INL: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **A equilíbrio das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, J. **O Possível e o necessário: evolução dos necessários na criança**. Porto Alegre: Artes médicas, 1986. v. 2.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24ª Ee. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PIETRI, E. Sobre a constituição da disciplina curricular de língua portuguesa. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, N.43, p. 70-83, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a05v15n43.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018.

PLATÃO. O banquete. In: _____. **Diálogos**. Tradução José Cavalcante de Souza. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 7-53.

POPPOVIC, A. M. **Alfabetização: Disfunções psiconeurológicas**. São Paulo: Editora Psico-pedagogia, 1968.

POPPOVIC, A. M. **Alfabetização: um problema interdisciplinar**. Cadernos de pesquisa, São Paulo: p. 71-86, fev. 1981.

PRADO, E. M. Breve Histórico da Educação a distância no Brasil. **Revista Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 17, n. 9/10, p. 893-917, set./out. 2007.

PRADO, L. A. O estudo dirigido e sua aplicação no primeiro grau. reve Histórico da Educação a distância no Brasil. **Revista Multirio, online**, Out. /2011 Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/356-breve-historico-da-educacao-a-distancia-no-brasil>> Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

RASSI, A. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. **Rev. Hist. UEG - Goiânia**, v.1, n.1, p.43-63, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/download/599/343>> Acesso em: 17 de abril de 2018.

RESENDE, M. S. **A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino**. São Paulo: Loyola, 1986.

RIBEIRO, M. W. Origens da disciplina de Geografia na Europa e seu desenvolvimento no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, v.11, n.34, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/4501/4435>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2018.

RIZZO, G. **Os diversos métodos de ensino da leitura e da escrita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

ROGERS, C. **Sobre o Poder Pessoal**, 3ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1989.

SANTOS, A.; CESTARO, P. M. R. ; LUSARDO, R. C. C. Professor reflexivo: gênese e implicações atuais. Simpósio Espaço Educação. UFJF. **Anais**, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc05_4.pdf >. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

SANTOS, B. B. M. O currículo das escolas brasileiras na década de 1970: novas perspectivas historiográficas. **Revista Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, [online] Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 149-170, jan./mar. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v22n82/a08v22n82.pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

SANTOS, M. C. A concepção de Experiência e Educação em John Dewey. Trabalho de conclusão de Curso [Pedagogia]. Londrina. 2011. Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/MARCELA%20CALIXTO%20DOS%20SANTOS.pdf>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2018.

SANTOS, P.S. M. B. A construção da Educação Fluminense e o Centro Educacional de Niterói (CEN) dos anos de 1960-1970: o Papel de Armando Hildebrand e Myrthes Wenzell. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 8, n. 15, janeiro/julho de 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/viewFile/1694/1543> > Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

SANTOS, T. C. O “novo” para o ensino da língua portuguesa na década de 1980: a constituição da disciplina escolar português. **Letras & Letras**, [S.l.], v. 29, n. 2, fev. 2014a. ISSN 1981-5239. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25984>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

SARAMAGO, J. **Viagem a Portugal**. Alfragide: Editorial Caminho, 2011.

SARGIANI, R. **Jerome Bruner**. Jan. 2015, Disponível em: <<https://www.psicologiaexplica.com.br/jerome-bruner/>> Acesso em: 07 de fevereiro de 2018.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez/autores associados, 1983.

SAVIANI, D.. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SCHERCH, V. A. A terceirização no serviço público: aspectos gerais, limites e vedações. In: **Revista Âmbito Jurídico**, on-line, Rio Grande, XIX, n. 146, mar 2016. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=16979&revista_caderno=4> . Acesso em 15 de dezembro de 2017.

SEVERINO, A. J. O público e o privado como categoria de análise da educação. In.: LOMBARDI, J. C.; JACOMELI, M. R.; SILVA, T. M. T. (orgs.). **O Público e o privado na história da Educação Brasileira: concepções e práticas educativas**. Campinas-SP: Autores associados; HISTEDBR; UNISAL, 2005.

SHIROMA, E. O.; MORAES, M. C. M.; EVANGELISTA, O. **Política Educacional**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, E. M. Instrução programada: tecnologia educacional aplicada ao EAD. **Revista de Tecnologia Aplicada (RTA)**. v.4, n.3, Set-Dez. 2015, p. 32-52. Disponível em: <

<http://faccamp.br/ojs-2.4.8-2/index.php/RTA/article/view/901> >. Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

SILVA, E. M.; ARAÚJO, C. M. Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: um estudo a partir da trajetória histórica e sócio-epistemológica da arte/educação. XXX Reunião Anual (ANPEd), Caxambu-MG. **Anais**. out./2007. Disponível em: < http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3073--Int.pdf >. Acesso em: 21 de fevereiro de 2018.

SILVA, E. M.; MORAIS, J.A.; BARBOSA, L.S. As implicações da teoria de Carl Ransom Rogers para a educação em ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências (ARETÉ)** | Manaus, v. 6, n. 10, p.63-72, jan-jun, 2013. ISSN: 1984-7505. Disponível em: http://www.revistas.uea.edu.br/download/revistas/arete/vol.6/arete_v6_n10-2013-p.63-72.pdf. Acesso em: 23 de agosto de 2016.

SILVA, R.C.S.; PEREIRA, E.C. Currículos de ciências: uma abordagem histórico-cultural. 2011. VIII Encontro nacional de pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). 2011. Disponível em: < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0836-1.pdf> > Acesso em: 13 de novembro de 2017.

SILVA, T. T. Prefácio. In: GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história** 13ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1982.

SOUZA, E. C.L.; LUCAS, C.C; TORRES, C. V. Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados. **Revista de Administração FACES Journal**. Universidade FUMEC: Minas Gerais. vol. 10, núm. 2, abril-junio, 2011, pp. 210-229. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1940/194022079011.pdf>>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

SOUZA, J. F. C. **Regimes de verdade em Michel Foucault: Aparição e gênese de um conceito**. 2015. Dissertação (mestrado em Filosofia). Universidade de Brasília, 2015.

STAHL, M. M. **Os módulos do Projeto Logos II: um estudo avaliativo dos elementos e conteúdo**. 1981. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 1981.

STAHL, M. M. Reflexões sobre a formação do Professor Leigo. **Em Aberto**, Brasília, ano 5, nº 32, p. 17-25, out./dez. 1986.

SUCUPIRA, N. **Aspectos da Organização e funcionamento da Educação Brasileira**. Brasília-DF: MEC, 1974.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TESSER, O. et.al. Avaliação de Programas de Formação da Professora “leiga” no Ceará. In.: THERRIEN, J.; **Educação e Escola no Campo**. p. 235-251. São Paulo: Editora Papirus, 1993.

TURRA, C. et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. 11. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.

VALE, M. L. L. **Um estudo das dimensões do encontro pedagógico do Logos II do Piauí**. 1982. 1v. e 2v. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 1982.

- VALENTE, W. Do engenheiro ao licenciado: subsídios para a história da profissionalização do professor de matemática no Brasil. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 5, n.16, p.75-94, set./dez. 2005.
- VALENTE, W. Osvaldo Sangiorgi e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 583-613, set./dez. 2008.
- VASCONCELOS, E. M. Educação popular em tempos de democracia e pós-modernidade: uma visão a partir do setor de saúde. In.: COSTA, M.V.(Org.). **Educação popular hoje: variações sobre o tema**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 63-98.
- VASCONCELOS, M. S. Difusões das idéias de Piaget no Brasil. São Paulo: Casa do psicólogo, 1996.
- VEIGA-NETO, A. **Conexões...** In.: OLIVEIRA, M.R.N.S. (orgs.). Confluências e Divergências entre didática e currículo. 2ª ed. Campinas-SP: Papirus, 2012.
- VIDAL, D. G.. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, E. M.,; FIGUEIREDO, L.; GREIVAS, C.(orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 3ª. Ed., 1ª reimp., Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- VIEIRA, F. R. O Estruturalismo e a Educação segundo PIAGET. **Caderno de Licenciatura em Matemática**. n.º 1, ano 1, março 1998, p. 69-71. Disponível em: https://estruturalismo.files.wordpress.com/2013/01/estruturalismo_e_inteligencia-piaget.pdf. Acesso em: 19 de dezembro de 2018.
- VINÃO FRAGO, A. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação**. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Rio de Janeiro, nº 7, 2000, pp. 93-110.
- XAVIER, E. F. O. A construção da nacionalidade na voz de seus sujeitos. **Anais**. III Congresso Brasileiro de História da Educação (PUC/PR).SBHE. Nov. 2004. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/320.pdf> Acesso em: 21 de abril de 2018.